



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O Assalto Sexual no
Campus Universitário Português**

Rita Fernandes

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas

Tese submetida como requisito para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor José Ornelas, pela orientação, pela partilha dos seus saberes e discussão crítica de ideias, pela compreensão e pelas contribuições valiosas para o trabalho que fizeram com se desenvolvesse da melhor forma até à sua versão final.

Aos meus colegas, pela partilha de frustrações e pelo incentivo dado nesta fase tão decisiva do nosso percurso universitário.

A todos os meus familiares e amigos que me acompanharam com amor, incentivo e disponibilidade no meu caminho académico.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte do meu percurso universitário e que direta, ou indiretamente têm contribuído para este meu caminho.

A todos os participantes neste estudo, porque sem eles este trabalho não seria possível.

Resumo

Ainda existem poucos estudos em Portugal sobre a violência sexual no ensino superior e, face às percentagens de vitimização de violência sexual nas estudantes universitárias internacionalmente, este estudo tem como principal objetivo avaliar a situação da violência sexual em Portugal, tentando perceber as suas consequências, fatores de risco e a existência de programas de prevenção e intervenção neste tipo de violência, bem como a eficácia dos mesmos.

A amostra neste estudo é composta por 104 estudantes universitários com idades superiores a 17 anos que responderam a um questionário online. As variáveis neste estudo foram avaliadas com o instrumento “*Violence Prevention Survey*”.

Os resultados obtidos demonstram que 4.8% da amostra foram vítimas de violência sexual e 1.9% foram perpetradores, bem como uma percentagem de 40.4% de vítimas de violência no namoro e 27.9% de perpetradores desta mesma violência. Foram encontradas consequências da violência sexual a nível académico, físico e emocional. Foram considerados fator de risco para perpetração de violência sexual aceitar os mitos da violação ($p>0.005$) e as afirmações da discriminação das mulheres ($p<0.001$). Metade da amostra não participou em qualquer programa de prevenção e intervenção na violência.

Pode concluir-se que é urgente aplicar programas de prevenção e intervenção na violência de forma a formar os jovens o significado de consentimento, prevenindo a existência de agressores e ensinando os que rodeiam a vítima como intervir se necessário.

Palavras-chave: Violência Sexual, Violência no Namoro, Estudantes universitários, Prevenção.

Abstract

There are still few studies in Portugal on sexual violence in colleges and, given the rates of sexual violence victimization in college students internationally, this study aims to assess the situation of sexual violence in Portugal, trying to understand its consequences, risk factors and the existence of prevention and intervention programs in this type of violence, as well as their effectiveness.

The sample in this study is composed of 104 college students over 17 years old who answered an online questionnaire. The variables in this study were evaluated with the “Violence Prevention Survey” as instrument.

The results show that 4.8% of the sample were victims of sexual violence and 1.9% were perpetrators, as well as 40.4% were victims of dating violence and 27.9% were perpetrators of sexual violence. Consequences of sexual violence were found at academic, physical and emotional levels. Accepting the myth rapes were considered a risk factor of perpetrating sexual violence ($p > 0.005$) as well as the discrimination against women ($p < 0.001$). Half of the sample did not participate in any violence prevention and intervention program.

In conclusion, it's urgent to implement prevention and intervention programs in violence in order to educate young people the meaning of consent, preventing the existence of aggressors and teaching those around the victim how to intervene if necessary.

Keywords: Sexual Violence, Dating Violence, College students, Prevention.

Índice

1. Introdução	1
2. Revisão de Literatura	2
2.1. O Assalto Sexual e a sua Prevalência nas Universidades	2
2.2 Os perpetradores	3
2.3 As Vítimas	4
2.4 As consequências do assalto sexual	6
2.5. O Assalto Sexual e As Drogas e Álcool	8
2.6. Mitos de Violação (“ <i>Rape Myths</i> ”)	9
2.7. A Religiosidade	11
2.8. A legislação	12
2.9. Programas de Prevenção e Intervenção na Problemática do Assalto Sexual nas Universidades	13
2.9.1 Estratégias de “ <i>Bystander</i> ” na Prevenção da Violência	14
2.10. Objetivos do estudo	16
3. Metodologia	17
3.1. Objeto de Estudo	17
3.2. Amostra	17
3.3. Delineamento do Estudo	21
3.4. Procedimento	21
3.5. Instrumento	22
4. Análise de Resultados	23
4.1. Vitimização e Perpetração de Violência Interpessoal	23
4.2. Relação do perpetrador de Violência Sexual com a Vítima	25
4.3. Consequências de ser vítima de Violência Sexual	26
4.4. Consequências da agressão física por um parceiro (violência no namoro)	28
4.5. A Violência Sexual e as Drogas e o Álcool	30
4.6 Mitos da Violação	33

4.7. Discriminação das mulheres e Violência Sexual	35
4.8. Desejabilidade Social	35
4.9. Auto-Controlo	36
4.10. Comportamentos de “ <i>Bystander</i> ” ativos e Observação de comportamentos de “ <i>Bystander</i> ”	36
4.11. Crenças sobre capacidades pessoais para intervir na violência sexual e no namoro ...	39
4.12. Programas de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual	40
5. Discussão dos Resultados	48
6. Considerações Finais	52
6.1. Limitações	53
6.2. Estudos Futuros	54
7. Referência Bibliográfica:	56
8. Anexos	59
8.1. Anexo A: Questionário sobre a Violência Interpessoal nos estudantes do Ensino Superior	59

Lista de Figuras

Figura 1. Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto à nacionalidade.	18
Figura 2: Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto ao ano frequentado no ensino superior.	18
Figura 3. Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto à atracção sexual.	19
Figura 4: Percentagens das respostas relativas à relação do perpetrador de violência sexual com a vítima.	25
Figura 5: Percentagem de respostas à pergunta “ Já foi magoada(o) como resultado de atividades sexuais não consentidas?”	26
Figura 6: Percentagem de respostas ao item “Por favor, diga-nos como foi magoada(o) por causa de atividade sexual não consentida.”	27
Figura 7: Número de participantes que contactaram alguma das opções descritas como resultado de terem sido vítimas de atividade sexual não consentida.	28
Figura 8: Número de participantes que contataram alguma das opções descritas como resultado de terem sido vítimas de agressão física pelo seu/sua parceiro(a).	29
Figura 9: Percentagens das respostas ao item “Durante o último mês, quantos dias bebeu mais de 5 bebidas com álcool de uma só vez (em poucas horas)?”	30
Figura 10: Percentagens de respostas ao item “No último mês, usou outras drogas para além das usadas por questões médicas?”	31
Figura 11: Percentagens de cada resposta ao item “Você ou alguém que conhece alguma vez colocou droga na bebida de outra pessoa sem ela saber?” e ao item “Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes suspeita ou sabe que alguém colocou droga na sua bebida SEM o seu conhecimento?”	31
Figura 12: Percentagem de respostas dadas ao item ““O que fez quando soube que alguém tinha colocado droga na bebida de uma pessoa sem o seu conhecimento?”.....	32

Figura 13: Percentagem de concordância com as diferentes crenças sobre as capacidades pessoais para intervir na violência sexual e no namoro.	40
Figura 14: Percentagem de cada respostas ao item “Enquanto estudante da sua universidade, alguma vez ouviu uma apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual?”	41
Figura 15: Percentagem de cada respostas ao item “Qual foi a apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual que ouviu?”.....	41
Figura 16: Percentagem de cada respostas ao item “Já ouviu falar sobre um programa de Intervenção e Prevenção do Assalto e Violência Sexual na sua universidade?”.....	42
Figura 17: Percentagem de cada respostas ao item “Antes de frequentar a sua faculdade actual, ouviu uma palestra para participar num treino sobre prevenção da violência no namoro ou violência sexual?”	42
Figura 18. Percentagem de cada respostas ao item “Aprendeu algo sobre a violência no namoro ou violência sexual por outros meios?”	43
Figura 19: Percentagem de cada respostas ao item “Já ouviu a palestra ou apresentação <i>Green Dot</i> ?”	43
Figura 20: Percentagem de cada respostas ao item “Quando ouviu a palestra ou apresentação <i>Green Dot</i> ? Se ouviu mais do que uma vez, qual foi a vez mais recente?”	44
Figura 21: Percentagem de cada respostas ao item “Alguma vez recebeu um treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança?”	44
Figura 22: Percentagem de participantes que esteve presente em nenhum ou em algum dos 4 programas relativos à Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e Violência no namoro. ..	45

Lista de Tabelas

Tabela 1: Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto às idades.	17
Tabela 2: Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto ao estado civil.	20
Tabela 3: Percentagens de ser vítima e de ser perpetrador em cada uma das diferentes formas de violência interpessoal.	23
Tabela 4: Percentagens relativas a diferentes formas de consequências de ter sido vítima de violência sexual.	27
Tabela 5: Percentagens relativas a diferentes formas de consequências de ter sido vítima de agressão física por parte do(a) parceiro(a).	28
Tabela 6: Percentagens de respostas relativas às questões sobre a situação de ter sido colocada uma droga na bebida do participante sem o seu conhecimento.	32
Tabela 7: Estatísticas descritivas e teste de T-Student relativos à associação da aceitação dos mitos de violação e o sexo do participante.	33
Tabela 8: Correlações entre a variável aceitação dos mitos de violação e o ano que o participante frequenta, com e sem diferenciação do sexo dos participantes.	34
Tabela 9: Correlação de Pearson entre a variável aceitação dos mitos da violação e religiosidade, consumo de álcool e ser perpetrador de violência sexual.	34
Tabela 10: Correlação de Pearson entre a variável discriminação das mulheres e a perpetração de violência sexual e de violência interpessoal.	35
Tabela 11: Estatísticas descritivas relativas à variável desejabilidade social e correlação de Pearson da desejabilidade social com a aceitação dos mitos de violação e a discriminação da mulher.	35
Tabela 12: Correlação de Pearson entre a variável auto-controlo e as variáveis Violência Sexual e Violência Interpessoal.	36

Tabela 13. Percentagens relativas às respostas dadas aos itens dos comportamentos de “ <i>bystander</i> ” ativos.	37
Tabela 14. Percentagens relativas às respostas dadas aos itens de observador de comportamentos de “ <i>bystander</i> ”.	38
Tabela 15. Correlação entre os tipos de apresentação ou treino de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro e o facto de ter sido pessoalmente afetado pela violência no namoro ou violência sexual.	46
Tabela 16. Correlação entre os tipos de apresentação ou treino de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro e os comportamento de “ <i>bystander</i> ” ativos e observação de comportamentos de “ <i>bystander</i> ”.	46
Tabela 17. Percentagens relativas a estar presente ou não numa apresentação ou treino de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro e ser perpetrador ou vítima de Violência Sexual, Violência no Namoro ou Violência Interpessoal.	47

1. Introdução

A vitimização sexual é entendida como um problema generalizado nos campus universitários e há cada vez mais evidências de que o assalto sexual é um problema comum e recorrente nas mulheres estudantes universitárias (Fisher et al., 2004, cit. por Aronowitz, et al., 2012), sendo a violação considerada um problema de saúde pública nos campus universitários.

Uma em cada seis mulheres nos Estados Unidos experiência tentativa de violação ou violação completa e mais de metade das vítimas de violação nos Estados Unidos têm idades inferiores a 18 anos quando são assaltadas sexualmente pela primeira vez (Tjaden & Thoennes, 2000), sendo que o risco de vitimização sexual se prolonga enquanto jovens adultas. Alguns estudos mostram que 3% das mulheres são violadas num período de nove meses enquanto estudantes universitárias e entre uma em cada cinco e uma em cada quatro de todas as mulheres experienciam uma tentativa de violação ou uma violação completa durante os seus cursos de 4 ou 5 anos (Karjane, Fisher & Cullen, 2005, cit. por McMahon, 2010) e que as mulheres estudantes universitárias têm uma probabilidade 5 vezes superior de serem violadas do que as mulheres que não são universitárias (Carey et. al, 2015 cit. por Ensz & Jankowski, 2017). Em cada ano, aproximadamente 97000 estudantes universitários sofrem agressões sexuais ou violação pelo parceiro (Hingson et al., 2005, cit. por Thompson, 2017).

Apesar de mais recentemente se ter começado a falar sobre o tema do assalto sexual nas universidades portuguesas, os estudos ainda são muito escassos. Perceber os fatores protetores e os fatores de risco de assalto sexual nas universidades portuguesas pode vir a ajudar a dar força aos programas de prevenção, permitindo um foco dos recursos nas áreas mais importantes, definindo os fatores psicossociais (ex. atitudes, *skills*, comportamentos) que devem e podem ser mudados, e ajudando a antecipar ou a fazer alterações na estrutura dos programas de intervenção (Santelli, et al., 2018). Assim, a presente dissertação terá como objetivo compreender o fenómeno nas universidades portuguesas, bem como analisar a prevalência do assalto sexual e os fatores que podem ser considerados fatores protetores ou de risco de assalto sexual. Tem também como foco perceber quais os programas de prevenção e intervenção que podem ou não estar a ser aplicados na problemática da violência sexual nas universidades portuguesas.

2. Revisão de Literatura

2.1. O Assalto Sexual e a sua Prevalência nas Universidades

O assalto sexual diz respeito ao contato ou comportamento sexual forçado, que ocorre sem que a vítima dê o seu consentimento explícito, independentemente do seu sexo ou orientação sexual. Estes comportamentos incluem a tentativa de ou a efetiva penetração vaginal, oral ou anal da pessoa que está a ser vítima, usando o próprio corpo do perpetrador ou qualquer objeto; o forçar do outro para efetuar determinados atos sexuais (e.g. sexo oral ou penetração do perpetrador); bem como contatos sexuais indesejados (e.g. toques, beijos, carícias) (Rape Abuse and Incest National Network, 2011, cit. por Aronowitz et al., 2012; Rape Abuse and Incest National Network, 2018).

O número reportado de violações nos campus universitários pode estar subrepresentado, dado que apenas menos de um quarto dos sobreviventes de assalto sexual no campus universitário reportam essa experiência às autoridades (Kilpatrick et al., 2007; Krebs, et al., 2007; Wolitzky-Taylor et al., 2011, cit. por Stotzer & MacCartney, 2015).

Aproximadamente 18% das mulheres dos Estados Unidos reportaram ter sofrido uma violação na sua vida e aproximadamente 13% reportou ter sofrido algum tipo de penetração não consentida, alguma vez na sua vida, devido a coerção verbal. As vítimas de assalto sexual com penetração (penetração não consentida) são habitualmente jovens, sendo que entre as mulheres dos Estados Unidos que afirmam ter experienciado uma violação, 80% foram violadas antes dos seus 25 anos e 42% antes dos seus 18 anos, e 28% dos homens que afirmaram ter sido violados, foram violados antes dos 10 anos de idade (Black et al., 2011, cit. por Santelli, et al., 2018).

De acordo com a revisão sistemática de Fedina, Holmes e Back (2016) acerca da prevalência de assalto sexual no campus universitário entre 2000 e 2015 nos Estados Unidos, conseguimos perceber que esta prevalência varia significativamente entre os estudos tidos em conta. Apesar de todos os estudos medirem a vitimização sexual, nem todos os estudos a definem e medem da mesma maneira. Nos estudos em que foi medida a violação completa, ou seja a penetração vaginal, anal ou oral em que foi utilizada força física ou ameaça de força, a percentagem de prevalência varia de 0.5% (Hines et al., 2012) a 8.4% (McCauley et al., 2009) em mulheres estudantes universitárias, enquanto nos estudos que mediram a tentativa de violação, a prevalência variava de 1.1% (Fisher et al., 2000) a 3.8% (Humphrey & White, 2000)

nas mulheres estudantes universitárias. Quando era medido o contato sexual indesejado (ex. beijos e carícias indesejadas) onde era usada a força física, a ameaça de força física, a coação verbal ou uma combinação destas, mas não eram incluídas as penetrações vaginal, oral e anal, as prevalências variavam de 1.8% (Fisher et al., 2000) a 34% (Palmer et al., 2010) das mulheres universitárias, sendo que na maioria dos estudos (7 em 11), a percentagem era acima de 20%, mas nos homens universitários esta prevalência variava de 4.8% (Flack et al., 2008) a 31% (Palmer et al., 2010), sendo que dois em três destes estudos revelaram uma percentagem menor ou igual a 6% (Walsh et al., 2010; Flack et al., 2008) Nos estudos em que foi medida a violação incapacitada, ou seja, a violação em que houve intoxicação ou uso de drogas, a prevalência varia de 1.8% (Hines et al., 2012) a 13% (Kalof, 2000) em mulheres universitárias, enquanto foi encontrada uma prevalência de 1.9% (Hines et al., 2012) num estudo para os homens universitários. Nos estudos em que foi medida a coação sexual definida como contato sexual indesejado ou penetração vaginal, anal ou oral por meios não violentos, a prevalência variava de 1.7% (Fisher et al., 2000) a 32% (Nasta et al., 2005) nas mulheres universitárias. Para além desta revisão sistemática, num estudo mais recente (Santelli, 2018), as mulheres afirmavam mais frequentemente ter sofrido um assalto sexual com penetração (14%) do que os homens (5%).

2.2 Os perpetradores

Num estudo de *Burgess* (2007, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016), 23% dos estudantes universitários do sexo masculino admitiram cometer violação, e a maioria deles não percebeu ter feito algo de incomum ou agressivo tinha acontecido. Assim, nos estudos encontra-se uma percentagem em que entre 5 e 25% dos estudantes universitários do sexo masculino reconhecem que foram perpetradores de relações sexuais forçadas ou agressões sexuais várias vezes (Koss, Gidycz, & Wisniewski, 1987; Rozee & Koss, 2001, cit. por Stotzer & MacCartney, 2015). Tanto os homens (13%) como as mulheres (6%) relatam ter participado em comportamentos sexuais coercivos (Palmer et. al, 2013, cit. por Stotzer & MacCartney, 2015).

Os membros de fraternidades e os atletas de equipas, comparativamente com os outros estudantes universitários do sexo masculino, apresentam uma maior probabilidade de fazer um assalto sexual (Humphrey & Kahn, 2000, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016). Tal não nos parece estranho, uma vez que as fraternidades e as equipas de desporto incentivam a objetificação das mulheres, e que também os média apoiam esta objetificação (Moradi & Huang, 2008, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016).

Os perpetradores de assalto sexual em universidades são geralmente conhecidos da vítima, sendo que Fisher et al. (1999, cit. por Banyard et al., 2007) verificou que as estudantes universitárias conheciam os seus perpetradores e que as violações aconteciam geralmente no local em que viviam, como os dormitórios, mas que poderia acontecer dentro ou fora do campus, e outros estudos em homens revelaram que existia uma grande probabilidade de o perpetrador ser alguém que a vítima conhecia (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994, cit. por Banyard, 2007).

Os fatores de risco para a perpetração de assalto sexual incluem atitudes associadas com a hostilidade para com as mulheres, aceitação de mitos de violação, hipermasculinidade, papéis tradicionais de género, e aceitação de violência (Tharp, Simon & Saul, 2012; Carey et. al., 2015, cit. por Santelli, et al., 2018).

2.3 As Vítimas

De acordo com Santelli, et al. (2018), as populações de estudantes universitários que têm sido consideradas como populações com maior risco de sofrer assalto sexual na universidade são as mulheres, os *Gender-nonconforming (GNC)* e as lésbicas, *gays*, bissexuais, transgénero, e *Questioning* (LGBTQ). Alguns estudos têm vindo a mostrar que os *gays*, lésbicas e bissexuais têm o mesmo risco ou até um risco maior de experienciar violência sexual, quando comparados com heterossexuais (Kann et al. 2011; Walters et al. 2013, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016).

A prevalência estimada de violação, assalto sexual e perseguição está entre uma em cada cinco e uma em cada três mulheres ao longo do seu percurso universitário (Fisher et al., 2000, 2002, 2004; Krebs et al., 2007, 2009; Mohler-Kuo et al., 2004, cit. por Aronowitz et al., 2012).

Para além de existirem diferenças nos papéis intervenientes da violência sexual, sendo que existe uma maior probabilidade de as mulheres serem vítimas de violação e de os homens serem os perpetradores (Tjaden e Thoennes, 2000; Martin et al., 2011), a prevalência de vitimização sexual nas mulheres estudantes universitárias e não universitárias tem vindo a ser estudada. No estudo de *Lombardi e Jones* (2009, cit. por Aronowitz et al., 2012) as mulheres americanas entre os 16 e os 24 anos apresentam uma maior probabilidade de serem vítimas de assalto sexual, podendo querer dizer que as mulheres que entraram recentemente na universidade apresentam um risco maior de violação. No entanto, as estatísticas encontradas pela APAV em Portugal mostram que, em 2016, as vítimas de violência sexual têm na sua

maioria entre 36 e 45 anos (159), quase o dobro das vítimas com idades compreendidas entre 18 e 25 anos (82). Os dados relativos à comparação entre a vitimização sexual nas mulheres estudantes universitárias e mulheres não estudantes universitárias são controversos, já que alguns estudos afirmam que a vitimização sexual nas mulheres universitárias é cerca de 3 vezes superior do que a vitimização sexual nas mulheres no geral (White & Smith, 2004, cit. por Aronowitz et al., 2012) e um estudo mais recente mostrou que a probabilidade de as mulheres estudantes universitárias serem violadas era 5 vezes maior do que nas mulheres que não frequentavam a universidade (Carey et al., 2015, cit. por Ensz & Jankowski, 2017). No entanto, num estudo representativo dos crimes dos estados unidos (Sinozich and Langton, 2014, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016), a incidência de violação ou assalto sexual nas mulheres estudantes universitárias com idades compreendidas entre 18 e 24 anos era de 6.1%, sendo esta incidência menor que nas mulheres não estudantes universitárias com idades compreendidas entre 18 e 24 anos (7.6%). Assim, apesar de continuar a existir um debate, estima-se que na universidade, entre 7 e 10% das mulheres experienciam violação forçada e entre 14 e 26% experienciam assalto sexual (Armstrong & Budnick, 2015, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016).

Alguns dos fatores que parecem colocar as mulheres estudantes universitárias num maior risco de serem vítimas de assalto sexual são: ser uma nova estudante na universidade, sendo as primeiras semanas do ano letivo as semanas em que se encontram em maior perigo (Gross, et al., 2006; Krebs et al., 2007; Sampson, 2010, cit. por Sweeney, 2011), sendo que , para além deste fator, outros fatores que parecem colocar as mulheres em maior risco de serem assaltadas sexualmente é beberem frequentemente com o intuito de ficarem bêbedas (Fisher et al., 2000; Krebs et al., 2007; Mohler-Kuo, et al., 2004, cit. por Sweeney, 2011), ter atitudes menos conservativas relativamente aos comportamentos sexuais, e socializarem após a meia-noite (Fisher et al., 2000; Krebs et al., 2007, cit. por Sweeney, 2011). Outros factores de risco, para ser vítima de assalto sexual na universidade, que têm vindo a ser encontrados são: o comportamento sexual (ex. ter vários parceiros, ter relações sexuais de risco); uso indevido de substâncias, em particular do álcool; e uma pobre dinâmica nas relações de parceiros íntimos (Tharp, Simon & Saul, 2012, cit. por Santelli, et al., 2018); ter sido vítima de assalto sexual antes de entrar na universidade (Carey, et al., 2015; Walsh et al., 2012; Santelli et al., 2018); e a iniciação da vida sexual e o uso do álcool antes dos 15 ou dos 18 anos foi associado positivamente ao assalto sexual com penetração (Santelli et al., 2018).

Apesar de as mulheres parecerem estar sujeitas a uma maior vitimização sexual no campus universitário, têm sido feitos estudos recentemente com o intuito de compreender a vitimização sexual no sexo masculino (Russel & Oswald, 2002, cit. por Banyard et al., 2007). De acordo com um estudo de Walker et al. (2005, cit. por Davies & Rogers, 2006) a idade média de assalto sexual, para uma população de homens que tinham sido violados desde os 16 anos, é de 24 anos, o que sugere que a vitimização sexual masculina existe mais comumente entre jovens adultos. É estimado que entre 3% a 8% dos homens americanos e ingleses tenham experienciado pelo menos um incidente de assalto sexual durante a sua vida adulta (Coxell et al., 1999; Elliott et al., 2004; Sorenson et al., 1987; Tjaden & Thoennes, 2006; U.S. Department of Justice, 2000, cit. por Turchik, 2012).

Nos estudantes universitários do sexo masculino foi encontrada uma prevalência de vitimização sexual relativamente a experiências de contato sexual indesejado entre 18.5% e 31% no ano acadêmico atual ou no ano anterior (O'Sullivan et al., 1998; Larimer et al., 1999; Palmer et al., 2009, cit. por Turchik, 2012), 34% e 58% quando lhes era perguntado acerca destas experiências desde os seus 16 anos (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994; Struckman-Johnson et al., 2003, cit. por Turchik, 2012), e até 70% quando se referiam à vitimização sexual nos últimos cinco anos (Fiebert & Tucci, 1998, cit. por Turchik, 2012). Em estudos mais recentes, foram encontradas percentagens de 5% e de 6% dos homens estudantes universitários afirmam ter sido vítimas de assalto sexual enquanto estavam na universidade (Krebs et al., 2007; Anderson & Clement, 2015, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016).

2.4 As consequências do assalto sexual

As consequências nas vítimas de violação têm vindo a ser bem documentadas em vários artigos, sendo que incluem consequências negativas na saúde física, na saúde mental (e.g., depressão, stress pós-traumático, ideações suicidas; Chang et al., 2015, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016), no desempenho académico (baixo desempenho académico e desistência da universidade; Jordan, Combs & Smith, 2014; Mengo & Black, 2016, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016) e nas relações interpessoais (Bachar & Cross, 2001; Campbell, 2008; Koss, Koss & Woodruff, 1991; Waigandt et al., 1990, cit. por McMahon, 2010). O desempenho académico pode ser alterado na medida em que, muitos sobreviventes de assalto sexual experienciam sintomas de ansiedade e/ou depressão, tal pode influenciar a sua atenção e concentração (Choudhary, Smith, & Bossarte, 2012, cit. por DeMatteo, et al., 2015) e, para

além disto, muitos sobreviventes tendem a faltar às aulas ou evitar zonas do campus como forma de evitar encontrar o perpetrador do assalto sexual (DeMatteo, et al., 2015).

A literatura sugere que as consequências do assalto sexual são diferentes nos homens e nas mulheres, visto que, socialmente, o homem tem um papel sexual diferente. De acordo com alguns estudos, os homens podem considerar que não podem ser verdadeiramente coagidos por mulheres a ter algum tipo de comportamento sexual que não desejem (Larimer et al., 1999, cit. por Banyard et al., 2007) e podem considerar que serem coagidos sexualmente por mulheres é algo mais aceitável (Waldner-Haugrud & Magruder, 1995, cit. por Banyard et al., 2007), isto porque são as ideias mais consistentes com os papéis sexuais esperados socialmente (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994, cit. por Banyard et al., 2007). Para além disso, quando as vítimas são homens, existe uma menor probabilidade de ser utilizada a força física para experiências sexuais indesejadas, sendo usada maioritariamente a pressão psicológica (e.g., Kimerling et al., 2002, cit. por Banyard et al., 2007) e, visto que existe uma forte relação entre a força utilizada pelo perpetrador e as consequências mais negativas, pode supor-se que os homens mostram níveis mais baixos de consequências negativas do que as mulheres (Banyard et al., 2007), por exemplo, as mulheres demonstram reações mais negativas a relações sexuais forçadas num encontro (Struckman-Johnson, 1988, cit. por Banyard et al., 2007). Os homens apresentam-se menos dispostos para relatar os seus sintomas, especialmente se se tratar de sofrimento psíquico, pelo que as consequências relatadas podem não ser todas as consequências experimentadas pela vítima (Helgeson, 2002, cit. por Banyard et al., 2007) e podem também ter consequências diferentes, uma vez que existem diferenças de gênero nas estratégias de *coping* de stress e angústia (Hartung & Widiger, 1998, cit. por Banyard et al., 2007), por exemplo, num estudo num centro de tratamento determinou-se que as vítimas do sexo feminino reportavam mais frequentemente consequências como medo e depressão, enquanto os homens reportavam alcoolismo (Sorenson and Siegel's, 1992, cit. por Banyard et al., 2007).

As mulheres estudantes universitárias raramente reportam as experiências de vitimização sexual à polícia (Fisher et al., 2003, cit. por Orchowski & Gidycz, 2015) ou às autoridades do campus universitário (Sloan, Fisher, & Cullen, 1997, cit. por Orchowski & Gidycz, 2015), sendo que, há uma maior probabilidade que partilhem estas experiências com conhecidos (Filipas & Ullman, 2001; Orchowski, Meyer, & Gidycz, 2009; Starzynski et. al., 2005, cit. por Orchowski & Gidycz, 2015). No entanto, a discussão da experiência de

vitimização com os pares nem sempre é útil, depende muitas vezes da reação social que lhes é transmitida (Ullman, 1999, cit. por Orchowski & Gidycz, 2015).

2.5. O Assalto Sexual e As Drogas e Álcool

O álcool e o consumo de outras drogas são substâncias frequentemente ingeridas pelos estudantes universitários como forma de reduzir a ansiedade social e aumentar o prazer (Brunt, Murphy & O'Toole, 2015).

O abuso do álcool entre estudantes universitários é um grande motivo de preocupação em termos de saúde pública, sendo que, em 2013, nos Estados Unidos, 59.4% dos estudantes universitários a tempo inteiro, com idades entre 18 e 22 anos, relataram ter bebido no último mês e 29% dos estudantes relataram ter *binge drinking*, ou seja, ter bebido excessivamente num curto espaço de tempo (Substance Abuse and Mental Health Services Administration, 2013, cit. por Thompson, 2017), e O'Malley e Johnston, 2002 (cit. por Swan et al., 2016) revelaram que os jovens estudantes universitários reportam níveis mais elevados de *binge drinking* quando comparados com pares da mesma idade que não se encontram na universidade. De acordo com Blanco e colaboradores (2008, cit. por Thompson, 2017), 20% dos estudantes universitários apresentam os critérios necessários para uma Perturbação pelo Uso de Álcool.

Este consumo excessivo de álcool observado nos estudantes universitários tem sido associado a diversas consequências, sendo algumas delas as violações, pior desempenho académico, absentismo no trabalho e escola e danos nas relações sociais (Mohler-Kuo et al., 2004, cit., Thompson, 2017). Assim, uma das características que tem vindo a ser muito estudada ao longo dos anos acerca do assalto sexual no campus universitário é o papel do álcool como um fator de risco para a vitimização sexual (e.g. Banyard et al., 2007).

A associação entre a incidência de assalto sexual e o consumo de álcool tem sido muito estudada: 50% dos assaltos sexuais de estudantes universitários foi associado ao uso de álcool (Abbey, 2002, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016); as mulheres universitárias que reportam níveis elevados de consumo de álcool reportam também níveis elevados de tentativa de violação ou violação completa (Benson et al., 2007, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016); os homens reportavam mais frequentemente que se aproveitariam de alguém sexualmente depois de consumirem álcool (Anderson et al., 2005, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016); o consumo de álcool dos homens em situações sexuais foi correlacionado com a ocorrência de uma tentativa de assalto sexual e foi encontrada uma correlação entre o consumo de álcool e crenças

sobre a masculinidade hostil, podendo indicar a importância de fazer parte de um grupo de pares que apoie este tipo de comportamentos (Parkhill & Abbey, 2008, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016).

O estudo feito por Hayes, Abbott e Cook (2016) mostra que existe uma correlação entre o consumo excessivo de álcool e a aceitação positiva dos mitos de violação, o que permite concluir que o álcool não é apenas um instrumento usado para a violação, mas que faz parte da cultura da violação, incentivando-a ou sendo o seu consumo incentivado por esta.

Kilpatrick e colaboradores (2007, cit. por Swan et. al., 2016) mostrou que 2.7% das mulheres estudantes universitárias experienciaram um assalto sexual facilitado por uma intoxicação (inclui tanto o álcool como as drogas) e em pacientes que recorreram a cuidados médicos por causa de um assalto sexual, suspeita-se que entre 7% e 21% dos pacientes foram intoxicados como forma de facilitar o assalto sexual (Ledray & Kraft, 2001; Du Mont et. al., 2009; McGregir et. al, 2003, neste estudo a percentagem foi 12, cit. por Swan, et. al., 2016). No estudo de Swan e colaboradores (2016) os participantes que tinham drogado alguém ou conheciam alguém que o tivesse feito, 29.1% afirmam que alguém fez algo sexual com a vítima e, dentro das vítimas que foram drogadas, 14.5% afirmam ter sido vítimas de alguma forma de assalto sexual (e.g. violação). No entanto, não existe muita informação relativa a ser drogado como forma de facilitar o assalto sexual e, muitas vezes, as pessoas podem acreditar que foram drogadas, mas na verdade apenas subestimaram o efeito da quantidade de álcool que consumiram voluntariamente (Martin, 2009, cit. por Swan et. al., 2016). E, para além disso, o acto de drogar alguém tem sido mais relacionado com os casos de roubo (48%) do que com a violação (13%) (Madea & Musshoff, 2009, cit. por Swan et. al, 2016), o que pode querer dizer que drogar alguém, não está diretamente relacionado com o assalto sexual, mas podem existir outros motivos e contextos para o fazer.

2.6. Mitos de Violação (“*Rape Myths*”)

Os mitos de violação podem ser definidos como atitudes e falsas crenças sobre a vítima, o perpetrador ou o assalto sexual em si, sugerindo que o assalto sexual nunca aconteceu, negando ou minimizando as lesões da vítima ou culpando as vítimas por elas próprias terem sido vítimas (Burt, 1980; Franiuk et al., 2008; Lonsway & Fitzgerald, 1994, cit. por Hayes-Smith & Levett, 2010). Os estudos mostram que a aceitação destes mitos influencia a decisão

da vítima relativamente a reportar a violação (Cohn, Dupuis, & Brown, 2009; Franiuk et al., 2008; cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016).

Alguns estudos que têm vindo a ser feitos sugerem que a aceitação dos mitos de violação é habitualmente baixa entre os estudantes (Freymeyer, 1997; McMahan, 2010; Morrow, 2010; Talbot, Neill, & Rankin, 2010, cit. por Navarro & Tewksbury, 2017), mas que existem algumas variáveis demográficas que podem influenciar esta aceitação, como o género, sendo que os homens tendem a aceitar mais os mitos de violação do que as mulheres (Boakye, 2009; Burt, 1980; Freymeyer, 1997; Lonsway & Fitzgerald, 1994; McMahan, 2010; McMahan & Farmer, 2011; Morrow, 2010; Mulliken, 2005; Suarez & Gadalla, 2010; Swope, 2014; Talbot et al., 2010, cit. por Navarro & Tewksbury, 2017) e, os estudantes que têm em conta normas de género mais tradicionais também tendem a aceitar mais os mitos de violação do que os estudantes com normas mais liberais relativas ao género (Swope, 2014; Talbot et al., 2010, cit. por Navarro & Tewksbury, 2017). Para além disso, os homens estão mais propensos a adotar atitudes tolerantes relativamente à violação e a atribuir culpa às vítimas do que as mulheres (Lee et al., 2005 cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016), querendo isto dizer que as mulheres deveriam ser consideradas as responsáveis pela prevenção da violação. O facto de a pessoa conhecer algum amigo próximo ou familiar que tenha sido vítima de assalto sexual está fortemente associado com um nível reduzido de aceitação dos mitos de violação em estudantes universitários (McMahan, 2010; Navarro & Tewksbury, 2017).

Lee et al. (2005, cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016) afirmam que algumas culturas podem influenciar a culpabilização da vítima de uma violação, sendo que a culpabilização será maior se a violação for considerada um problema pessoal ou feminino e não um problema público. Na universidade existe uma subcultura em que é encorajado beber e em que as mulheres são vistas como tendo um controlo diferente do dos homens, e, de acordo com o estudo de Hayes, Abbott e Cook (2016), pode-se afirmar que existem subculturas masculinizadas que amplificam o domínio por parte do sexo masculino e a mentalidade de “conquistadores das mulheres”, como demonstrado pelo facto de as mulheres serem vistas como oponentes na arena sexual e as vítimas serem culpadas pelo seu próprio fracasso, isto é, o fracasso em ficar sóbrias, tal como a cultura do consumo de álcool diz que deviam, e como consequência, o fracasso a repelir a força masculina, tal como a comunidade masculina diz ser o seu dever. São estas subculturas, e não o ambiente universitário no geral, que, devido às noções patriarcais de género que são construídas socialmente, insistem na aceitação contínua dos mitos de violação.

A literatura tem sugerido que há medida que os estudantes universitários avançam na sua educação académica, maior será a rejeição dos mitos de violação (Suarez & Gadalla, 2010). Sendo que, no estudo de Gorbett (2006, cit. por Navarro & Tewksbury, 2017), encontrou-se uma maior redução da aceitação dos mitos de violação nos homens à medida que o ano universitário avançava do que a redução nas mulheres universitárias.

A aceitação dos mitos de violação foi associada, no caso dos homens, com uma maior probabilidade de serem perpetradores de violação (Aosved & Long, 2006; Gerger et al., 2007, cit. por Ensz & Jankowski, 2017; Suarez & Gadalla, 2010) e, no caso das mulheres, com uma maior probabilidade de não conseguirem identificar assaltos sexuais no seu passado como violações (LeMaire, Oswald, & Russell, 2016, cit. por Ensz & Jankowski, 2017) e uma redução da percepção de aspectos do ambiente que possam ser identificados como pistas de risco de violação (Yeater et al., 2010, cit. por Ensz & Jankowski, 2017).

2.7. A Religiosidade

De acordo com o estudo de Thompson (2017) o envolvimento religioso é um fator protetor contra o uso de álcool nos estudantes universitários, sendo que esta informação poderia consequentemente indicar tratar-se de um fator protetor no caso do assalto sexual nos estudantes universitários. No entanto, o envolvimento religioso tem vindo a ser relacionado com uma maior aceitação dos mitos de violação, tornando-se um fator de risco no assalto sexual.

A literatura tem apresentado diferentes resultados acerca da associação entre a religiosidade e a aceitação dos mitos de violação, não existindo uma relação clara entre as duas variáveis. Freymeyer (1997, cit. por Navarro e Tewksbury, 2017) mostrou que os estudantes universitários religiosos do sexo masculino tendem a aceitar mais os mitos de culpabilização da vítima e as estudantes universitárias religiosas do sexo feminino tendem a aceitar menos os mitos de violação. O estudo de Navarro e Tewksbury (2017), com instrumentos mais adequados para a medição das duas variáveis, revelou que os estudantes universitários que apresentam uma maior fé religiosa apresentam também uma maior probabilidade de aceitar os mitos de violação. No entanto, houve estudos que não encontram nenhuma correlação entre religiosidade e aceitação dos mitos de violação (Mulliken, 2005, cit. por Navarro e Tewksbury, 2017; Suarez & Gadalla, 2010).

2.8. A legislação

Nos Estados Unidos existem duas leis em vigor com o propósito de intervir em casos de violência sexual nos estabelecimentos universitários. O “*Cley Act*”, entrou em vigor em 1990 e exige que todas os estabelecimentos académicos forneçam informações sobre todos os crimes ocorridos nos seus campus, sendo em 1992 emendada e exigindo às instituições que desenvolvessem programas de prevenção e alguns apoios às vítimas de assalto sexual. No entanto, apenas 80% das instituições académica reportam os dados anuais, mais de 66% incluem dados estatísticos dos crimes e apenas 37% reportam as estatísticas tal e qual como são exigidas por esta lei (Karjane et al., 2005, cit. por (DeMatteo et al., 2015)). Para além disto, esta lei não exige informações sobre as punições aos crimes, então não há informações sobre detenções ou punições disciplinares relativas ao assalto sexual (DeMatteo et al., 2015). O “*Title IX*” da Reforma da Educação de 1972 que afirma que nenhuma pessoa deve ser excluída de participar ou de beneficiar de programas ou atividades educativas que recebam o apoio financeiro do estado, tendo por base o sexo da pessoa. No caso de existir a violação do “*Title IX*” e tenha sido apresentada uma queixa, a instituição pode ser punida financeiramente. A aplicação do “*Title IX*” nos casos de assalto sexual deve-se ao facto de o assalto sexual interferir no igual acesso à educação das estudantes do sexo feminino, devido à criação de um ambiente universitário hostil para as estudantes. Esta lei é mais comumente associada à discriminação sexual no desporto, mas também pode ser aplicada em casos de violência sexual que impliquem um impedimento de uma educação equitativa aos estudantes de ambos os sexos (DeMatteo et al., 2015).

Em Portugal não existe nenhuma lei específica que possa ser aplicada em caso de violência sexual nos campus universitários. As únicas leis em vigor que podem ser adequadas nestes casos referem-se aos artigos 163.º, 164.º e 165.º do Decreto-Lei n.º 48/95, capítulo dos crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual. O artigo 163.º do Código penal afirma que é coacção sexual quando alguém, “por meio de violência, ameaça grave, ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, acto sexual de relevo”, sendo condenado de 1 a 8 anos de prisão. No caso de não ser pelos meios referidos anteriormente, a pessoa será condenada até 5 anos de prisão. O artigo 164.º diz que se trata de violação quando alguém, “por meio de violência, ameaça grave, ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa: a) A sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, cópula, coito anal ou coito oral; ou b) A sofrer introdução vaginal ou anal de

partes do corpo ou objectos”, podendo ser punido com pena de prisão de 3 a 10 anos. Se, não tiver sido pelos meios referidos anteriormente, então a pessoa será condenada entre 1 a 6 anos de prisão. O artigo 165.º, que diz que se trata de abuso sexual de pessoa incapaz de resistência quando alguém “Quem praticar acto sexual de relevo com pessoa inconsciente ou incapaz, por outro motivo, de opor resistência, aproveitando-se do seu estado ou incapacidade”, sendo punido com pena de prisão de 6 meses a 8 anos. Mas, “se o acto sexual de relevo consistir em cópula, coito anal, coito oral ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objectos”, a pessoa será punida com pena de prisão de 2 a 10 anos. Tal artigo pode ser relevante quando a vítima universitária se encontra incapacitada, num estado inconsciente devido ao consumo de drogas ou álcool (Código Penal, 2017).

2.9. Programas de Prevenção e Intervenção na Problemática do Assalto Sexual nas Universidades

Os fatores de proteção no assalto sexual, como o apoio social e familiar, ainda não foram estudados muito a fundo. O nível de conexão entre as instituições sociais, como entre a escola e família, têm vindo a ser associadas com uma redução nos comportamentos sexuais de risco nos jovens (Resnick, 1997, cit. por Santelli, et al., 2018) e podem proteger os jovens do assalto sexual, mas esta relação ainda não foi estudada em profundidade. O contacto com instituições religiosas também tem vindo a ser associada à saúde adolescente, mas a relação com o assalto sexual não foi estudada a fundo (Cotton, et al., 2006, cit. por Santelli, et al., 2018).

Algumas das abordagens mais promissoras no campo da prevenção e intervenção em casos de assalto sexual são as intervenções para ensinar habilidades de autodefesa e treino de resistência para estudantes universitários (Gidycz & Dardis, 2014; Senn, 2015, cit. por Santelli, et al., 2018) e do ensino secundário (Jordan & Mossman, 2017, cit. por Santelli, et al., 2018), e programas “*bystander*”, que melhoram o apoio do ambiente nos jovens que se encontram em risco de assalto (Miller et al, 2013; Cocker et al., 2017, cit. por Santelli, et al., 2018). Apesar de as intervenções “*bystander*” já terem sido descritas nos Estados Unidos como as técnicas mais promissoras para reduzir as taxas de violência sexual e no namoro, ainda existem poucos estudos que testem a sua eficácia em reduzir a violência nos campus universitários (DeGue et al., 2014, cit. por Coker, et. al, 2016).

A literatura tem vindo a mostrar que a sociedade precisa de programas que sejam capazes de produzir uma mudança a longo-termo nas atitudes em relação à aceitação dos mitos

de violação, sendo que este treino deve ser atualizado e contínuo para prolongar a redução da aceitação dos mitos, bem como que o foco da prevenção de violação devem ser maioritariamente os homens, já que estes podem ser os potenciais perpetradores e assim podem mudar as suas atitudes e haverá a possibilidade de prevenir que cometam o crime (Johansson-Love & Geer, 2003; Foubert et al., 2006; Hayes-Smith & Levett, 2010; Parkhill & Abbey, 2008; cit. por Hayes, Abbott & Cook, 2016).

2.9.1 Estratégias de “Bystander” na Prevenção da Violência

Em 2013, o “*Campus Sexual Violence Elimination Act*” exigiu que todas as escolas que recebam financiamento do “*Title IX*” implementassem programas de prevenção que ensinassem formas seguras e positivas de intervir como observador em situações de risco de violência ou prevenir possíveis danos (Coker, Bush, Fisher, Swan, Williams, Clear & DeGue, 2016). As intervenções “*bystander*” envolvem os indivíduos como potenciais testemunhas de violência, em vez de possíveis vítimas ou perpetradores e acredita-se que este modelo pode diminuir as atitudes defensivas e fazer com que os indivíduos se sintam capacitados para terminar com a violência (Banyard, Plante & Moynihan, 2004, cit. por Coker, et. al, 2016).

As estratégias de “*bystander*” dão aos indivíduos capacidades para reduzir o risco de violência na medida em que lhes é ensinado como reconhecer situações ou comportamentos que possam tornar-se violência ou que reforcem normas sociais que apoiem a violência e como intervir de forma segura e eficaz na mudança das normas sociais e na redução da probabilidade de existir violência futura (Coker, et. al, 2016). Nestas estratégias, os espectadores podem intervir de 4 formas diferentes, os 4Ds (Banyard. Plante & Moynihan, 2005; Berkowitz, 2002, cit. por Cocker et al., 2014): a direta, consiste em intervir diretamente na situação de violência e pará-la, incluindo dizer alguma coisa quando alguém faz um comentário sexista, se gaba das suas agressões sexuais ou físicas, ou mostra de qualquer outra forma que apoia comportamentos de violência; o distrair, consiste em desviar a atenção do agressor (ex.: dizer que alguém levou o carro do agressor) e retirar o foco da potencial vítima de uma agressão; o delegar, envolve outra pessoa e um plano entre os dois para intervir na situação potencialmente violenta, podendo uma das pessoas intervir com o agressor e a outra com a potencial vítima; e o atrasar (“*delay*”, em inglês) ou táticas reativas, que são usadas após a situação de violência e consistem no apoio dado à vítima e na procura de recursos para ajudar as vítimas de violência.

O programa de intervenção *Green Dot*, desenvolvido pela Dra. *Dorothy Edwards*, tem como objetivo aumentar o auto-relato proativo de comportamentos de “*bystander*” (espectador) ativo, ou seja, os comportamentos dos sujeitos que estão a observar a situação que optam por intervir de uma forma segura e eficaz para reduzir a violência, neste caso a violência sexual e no namoro nos campus universitários. Neste programa, os alunos são consciencializados da natureza e frequência da violência - começam a compreender quais as motivações e antecedentes da violência sexual e como os perpetradores atingem as suas vítimas – e quais são os comportamentos de segurança e eficácia para intervir, permitindo que caso os estudantes se encontrem na posição de observador consigam identificar estas situações, avaliar os riscos e as suas opções, podendo optar por um comportamento ativo e seguro de modo a reduzir o risco da violência (Coker et al., 2011; Coker et al., 2014). No entanto, Burn (2009, cit. por McMahon, 2010) e Banyard (2008, cit. por McMahon, 2010) afirmam que uma maior aceitação dos mitos de violação é uma barreira na habilidade dos espectadores intervirem numa situação de assalto sexual, no entanto as especificidades desta relação não foram exploradas.

Foram feitos dois estudos com base na implementação deste programa em universidades com resultados semelhantes. No estudo de Coker e colaboradores (2011), verificou-se que os estudantes que ouviram as palestras “*Green Dot*” mostraram um número significativamente maior de comportamentos de “*bystander*” ativo e relataram um maior número de comportamentos de “*bystander*” observados, quando comparados com os alunos que não receberam qualquer tipo de intervenção; os alunos que ouviram as palestras “*Green Dot*” ou receberam o treino “*Students Educating and Empowering to Develop Safety*”, apresentaram valores mais baixos de aceitação dos mitos de violação comparativamente com os estudantes sem intervenção; e, quando comparados os comportamentos de “*bystander*” ativo auto-relatados dos estudantes treinados com os que ouviram apenas as palestras, verificou-se que o treino estava associado a um valor significativamente mais elevado de comportamentos de “*bystander*” ativo. No estudo de Coker e colaboradores (2014), verificou-se que o campus que implementou o “*Green Dot*”, comparativamente com os campus que não tinham nenhum treino de intervenção “*bystander*”, apresentava menores valores de existência de vitimização e perpetração de violência, particularmente menor taxa de vítimas de *stalking* e assédio sexual (sendo esta diferença maior nas mulheres do que nos homens) e uma menor taxa da perpetração desta violência nos homens. No entanto, este estudo não apresentou taxas mais baixas de sexo indesejado e de violência no namoro, possivelmente por estes temas não serem abordados tão intensamente como os outros. Ambos os estudos demonstraram eficácia na prevenção e

intervenção do assalto sexual nos campus universitários mas, é importante também encontrar um programa que mostre eficácia a nível da violência no namoro e na vitimização e perpetração de atividades sexuais sem consentimento.

2.10. Objetivos do estudo

Tendo por base a informação sobre a violência sexual nos campus universitários, a problemática deste estudo vem no sentido de investigar o tema no contexto português, já que ainda existe uma escassez de estudos neste sentido, apesar do tema ter vindo a tomar um maior foco ao longo dos últimos anos. A vitimização de violência sexual tem consequências negativas, podendo afetar a vida pessoal da vítima e o seu rendimento a nível académico. Assim, torna-se importante estudar o fenómeno em Portugal, não só para informar a população das suas taxas de prevalência, mas também sensibilizar o país, evidenciando a necessidade de novas medidas políticas para prevenir e intervir neste fenómeno. Neste mesmo sentido, este estudo procurará responder às seguintes questões de investigação:

Questão de investigação 1: Quais as percentagens de violência interpessoal no campus universitário português?

Questão de investigação 2: Existem diferenças de género nos perpetradores e nas vítimas de violência sexual?

Questão de investigação 3: Será que diferentes orientações sexuais têm diferentes percentagens de vitimização de violência sexual?

Questão de investigação 4: Será que ser vítima de violência sexual tem consequências a nível do desempenho académico?

Questão de investigação 5: A violência sexual está associada a um maior consumo de drogas e álcool?

Questão de investigação 6: Estará a religião relacionada com a aceitação dos mitos de violação?

3. Metodologia

3.1. Objeto de Estudo

O objetivo desta investigação é estudar a incidência do assédio sexual nos estudantes universitários portugueses. Desta forma poderá informar-se a sociedade da existência desta problemática e compreender melhor o fenómeno, o que conseqüentemente ajudará a criar medidas de prevenção e intervenção adequadas para a redução do número de vítimas de violência sexual nos campus universitários portugueses.

3.2. Amostra

A amostra foi recolhida de acordo com a metodologia “*snow ball*” e é composta por 104 estudantes universitários com idades superiores a 17 anos, sendo 14.4% (n=15) do sexo masculino e 85.6% (n=89) do sexo feminino. Relativamente à frequência de idades da amostra recolhida pode verificar-se (Tabela 1) que, existe uma maior frequência nos 22 anos (16.3%, n=17), seguido dos participantes com 25 ou mais anos (15.4%; n= 16) e dos participantes com 21 anos (15.4%; n= 16). A menor frequência é dos participantes com 17 ou menos anos, com apenas 1% (n=1).

Tabela 1. Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto às idades.

Idade	Frequência (n)	Percentagem (%)	Percentagem Cumulativa (%)
17 ou menos	1	1%	1%
18	7	6.7%	7.7%
19	15	14.4%	22.1%
20	12	11.5%	33.7%
21	16	15.4%	49%
22	17	16.3%	65.4%
23	14	13.5%	78.8%
24	6	5.8%	84.6%
25 ou mais	16	15.4%	100%
Total	104	100%	

Ao analisar a amostra da investigação relativamente à nacionalidade (Figura 1), podemos verificar que a maioria dos participantes é de nacionalidade portuguesa (94%; n=98).

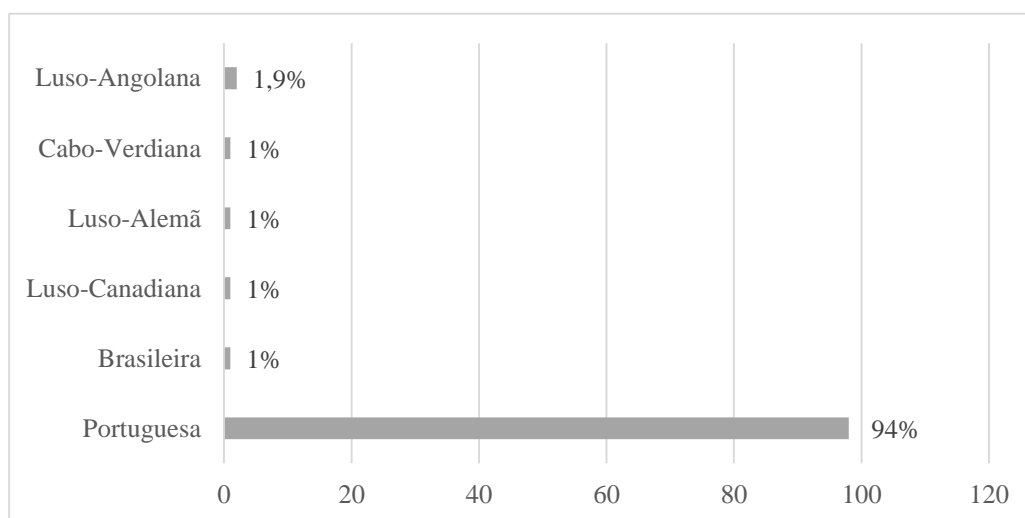


Figura 1. Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto à nacionalidade.

Quanto ao ano que os indivíduos da amostra frequentam no ensino superior, podemos verificar que a maioria dos participantes desta investigação encontram-se no 1º ano do ensino superior (27.9%; n=29) e existe um menor número do 4º ano do ensino superior (14.4%; n=15), apesar de a frequência de participantes em cada ano do ensino superior ser sempre entre 14 e 28% (Figura 2).

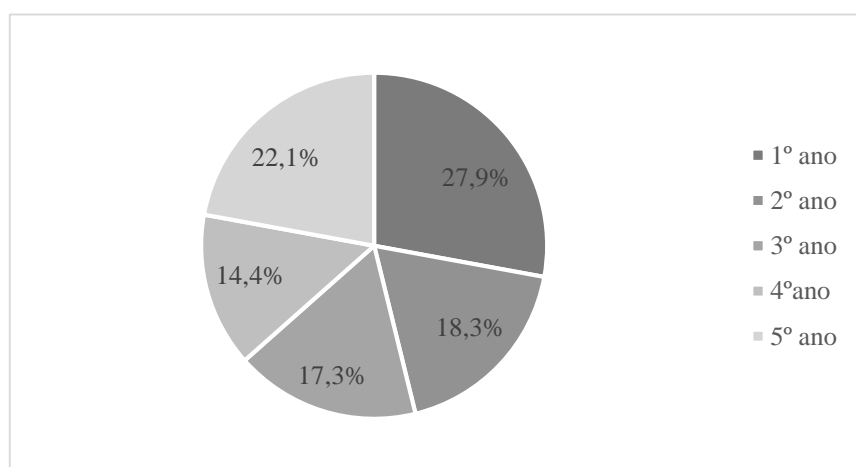


Figura 2. Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto ao ano frequentado no ensino superior.

Caracterizando a amostra quanto ao grau escolar mais elevado que a mãe do participante completou podemos observar que 35.6% completaram a Licenciatura, 28.8% completaram o

Ensino Secundário, 22.1% completaram o Ensino Básico, 9.6% completaram o Mestrado e 1.9% completaram o Ensino Profissional e o Doutoramento. Quanto ao grau escolar mais elevado que o pai do participante completou podemos observar que 32.7% completaram o Ensino Secundário, 29.8% completaram o Ensino Básico, 23.1% completaram a Licenciatura, 6.7% completaram o Ensino Profissional, 4.8% completaram o Mestrado e 2.9% completaram o Doutoramento.

Relativamente à atração sexual (Figura 3), a amostra desta investigação tem 76% dos participantes somente atraídos(as) por homens (n=79), 10.6% na maioria das vezes atraídos(as) por homens (n=11), 9.6% somente atraídos(as) por mulheres (n=10), 1.9% igualmente atraídos(as) por mulheres e homens (n=2) e outros 1.9% que não têm a certeza (n=2). Assim, quanto à orientação sexual, 82.7% dos participantes são heterossexuais, 12.5% são bissexuais, 2.9% são homossexuais e 1.9% não têm a certeza.

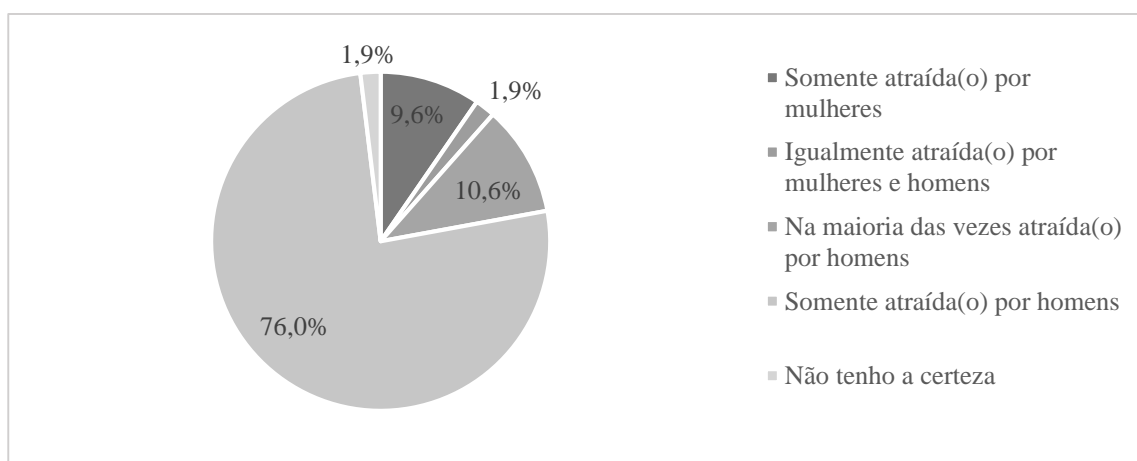


Figura 3. Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto à atração sexual.

Ao analisar a amostra quanto ao estado civil (Tabela 2) percebemos que a maioria dos participantes se encontra numa relação comprometida com um namorado(a) e não vivem juntos (45.1%; n=46) seguido de “De momento não estou a ter nenhum tipo de relacionamento, mas estive em algum tipo de relacionamento (antes do início do ano letivo)” (14.71%; n=15). A minoria dos participantes encontra-se em “Encontro casual, sem estar numa relação comprometida”, com apenas 3 participantes (2.94%).

Tabela 2. Caracterização da amostra da investigação relativamente à sua distribuição quanto ao estado civil.

Estado Civil	Frequência (n)	Percentagem (%)	Percentagem Cumulativa (%)
- Encontro casual, sem estar numa relação comprometida.	3	2.9%	2.9%
- Fazer algo sexual com alguém, sem estar numa relação comprometida.	10	9.6%	12.5%
- De momento não estou a ter nenhum tipo de relacionamento, mas estive em algum tipo de relacionamento desde o início do ano letivo.	7	6.7%	19.2%
- De momento não estou a ter nenhum tipo de relacionamento, mas estive em algum tipo de relacionamento (antes do início do ano letivo).	15	14.4%	33.7%
- Estou numa relação comprometida com o meu namorado ou namorada, mas não vivemos juntos.	48	46.2%	79.8%
- Estou a viver com o meu namorado ou namorada, ou estou casada(o).	9	8.7%	88.5%
- Nenhuma das opções anteriores.	12	11.5%	100%
Total	104	100%	

Algumas outras questões que podem ajudar-nos a caracterizar a amostra são: o tempo dedicado a ser estudante, sendo que 86% dos participantes são estudantes a tempo inteiro 14% são estudantes a tempo parcial; participar numa equipa de desporto, com 24% dos estudantes a responder afirmativamente; ter estado grávida ou ter engravidado alguém, sendo que maioria dos estudantes (95%) responde negativamente a esta questão; apresentar sintomas de depressão, com 73% dos participantes a responder afirmativamente; a religião, em que a maioria dos participantes afirma não ter uma religião, ser indefinida ou ateísmo (55%), 10% afirmam ser cristãos, 31% afirmam ser católicos, 2% dizem adotar a religião espírita, 1% diz ser ortodoxo e 1% diz ser evangélico; e, por último o local e com quem vive o participante, sendo que a maioria dos participantes (95%) vive fora dos estabelecimentos da sua universidade e vive com os seus pais ou familiares adultos (74%).

3.3. Delineamento do Estudo

A presente investigação será um tipo de estudo descritivo visto que se pretende conhecer características específicas do fenómeno em consideração (Marôco & Bispo, 2005), mais especificamente as taxas de incidência da violência sexual nos estudantes universitários portugueses e é também um estudo correlacional, visto que se pretende perceber se existe uma relação entre o assalto sexual e a aceitação dos mitos de violação.

3.4. Procedimento

Este estudo recorreu ao questionário “*Violence Prevention Survey*” construído por *Ann L. Coker, Bonnie S. Fisher, Heather M. Bush, Suzanne C. Swan, Corrine M. Williams, Emily R. Clear e Sarah DeGue* (2014), sendo este questionário pedido a uma das autoras de modo a obter a autorização para a tradução do questionário e posterior adaptação ao estudo.

Para a validação da versão elaborada do questionário, este foi respondido por 2 pessoas fora do contexto da psicologia e exposto ao grupo de alunos de seminário do Prof. José Ornelas, com experiência em técnicas psicométricas, no sentido de averiguar a perceptividade do instrumento, a nível de conteúdo e semântica. Após esta exposição aos alunos, foram feitas algumas alterações ao questionário.

No início do questionário foi acrescentada uma breve introdução onde era explicado brevemente o objetivo do estudo, garantido o anonimato dos participantes e das suas respostas, bem como a possibilidade de desistência do questionário a qualquer momento, dado o seu carácter voluntário.

Procedeu-se à aplicação do questionário num formato online, por meio do “*Google Forms*”. Foi escolhida esta via de aplicação de forma a garantir o anonimato dos sujeitos e proteger a autenticidade das respostas, visto não estarem a ser pressionados pela presença do investigador. A divulgação do questionário foi feita consoante o método *Snowball Sampling* (Biernacki & Waldorf, 1981), sendo enviado o questionário por e-mail a algumas pessoas que divulgaram o questionário para outros contatos, e assim por diante.

Após a recolha dos dados, os resultados foram analisados estatisticamente com recurso ao software *Statistical Package for the Social Science* (SPSS).

3.5. Instrumento

Para a realização deste estudo será utilizado como instrumento o “*Violence Prevention Survey*” construído por Ann L. Coker, Bonnie S. Fisher, Heather M. Bush, Suzanne C. Swan, Corrine M. Williams, Emily R. Clear e Sarah DeGue (2014) para o estudo “*Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses*”, sendo uma combinação de componentes de outras escalas utilizadas na área da violência como o *National Intimate Partner and Sexual* (Thoennes, 1998) e *Revised Conflicts Tactic Scales* (Straus, Hamby, & Warren, 2003). Todas as escalas foram adaptadas para existir uma homogeneidade entre as várias formas de violência, bem como ter em conta se esta foi sofrida ou perpetrada pelo inquirido em questão. A versão utilizada deste instrumento como base foi o questionário adaptado para a população portuguesa, em 2015, por Gama, Vargas-Moniz e Ornelas, tendo sido posteriormente retraduzido e revisto para averiguar a adequação de alguns conceitos.

Esta escala tem como objetivo ser uma medida de vitimização e agressão perpetrada ou sofrida pelos inquiridos, é composta por 198 itens, sendo estes divididos em quatro partes distintas. A primeira parte é composta por questões sócio demográficas, como: idade, ano escolar frequentado, nacionalidade, atração sexual e estado civil atual. A segunda parte refere-se às diferentes formas de violência sofrida ou perpetradas, tais como: sexo não consentido, assédio sexual, *stalking* e violência física e psicológica no namoro. Apesar de as respostas a estas perguntas irem de uma escala de 0 a mais de 10 vezes, foi utilizada uma escala dicotómica para estes itens. Assim, foi considerado que o participante era vítima ou perpetrador de sexo não consentido e violência no namoro se tivesse experienciado uma ou mais vezes cada situação referida e é considerado vítima ou perpetrador de assédio sexual e *stalking* se o indivíduo tivesse experienciado pelo menos 3 vezes os incidentes referidos (Coker et. al., 2016). A terceira parte é composta por duas escalas distintas: a “*Self-control Scale*” de Grasmick e colaboradores (1993), composta por 24 itens que descrevem atitudes relacionadas com o auto-controlo, tendo cada item 4 hipóteses de resposta, numa escala tipo Likert (e.g. de discordo totalmente a concordo totalmente), sendo que uma pontuação mais elevada significa um menor nível de auto-controlo; e a versão reduzida de 13 itens da escala “*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale*” de Crowne e Marlowe (1960), que pretende avaliar se o participante está preocupado com o facto de as suas respostas serem aprovadas socialmente (desejabilidade social), sendo que cada item tem uma resposta dicotómica de verdadeiro ou falso e uma pontuação menor significa uma maior desejabilidade social nas respostas do participante. A quarta parte diz respeito à

implementação de programas para prevenir a violência. A quinta parte refere-se a questões sobre a situação habitacional do participante e atividades de lazer. Por fim, a sexta parte refere-se à religiosidade dos participantes, sendo considerado um maior nível de religiosidade quanto maior a influência da religião na vida do participante, tanto agora como na sua infância.

4. Análise de Resultados

4.1. Vitimização e Perpetração de Violência Interpessoal

Com o objetivo de avaliar os níveis de vitimização e perpetração de violência interpessoal no ensino superior, foram observadas as percentagens de vítimas e de perpetradores de cada forma de violência: a violência interpessoal, que inclui todos os tipos de violência abordados no questionário; a violência sexual, que inclui apenas as questões relativas a situação de sexo não consentido; e, de seguida, estão representadas as percentagens por itens específicos (Tabela 3).

Tabela 3. *Percentagens de ser vítima e de ser perpetrador em cada uma das diferentes formas de violência interpessoal.*

Forma de Violência Interpessoal (n=104)	Percentagem de violência (%)	
	Vítimas (%)	Perpetrador (%)
- Violência Interpessoal	54.8%	28.8%
- Violência Sexual	4.8%	1.9%
- Por item específico:		
Demasiado alcoolizado ou sob o efeito de drogas para dar consentimento	-	1%
Sexo fisicamente forçado	1%	1%
Sexo Coagido	3.8%	1%
Assédio Sexual	24%	6.7%
<i>Stalking</i>	8.7%	-
Violência no namoro total	40.4%	27.9%
- Violência física	11.5%	7.7%
- Violência psicológica	39.4%	27.9%
Qualquer outro tipo de violência interpessoal	-	1.9%

Ao observar a Tabela 3 podemos verificar que 54.8% (n=57) dos participantes foram vítimas de algum tipo de violência interpessoal, sendo 89.5% do sexo feminino e 10.5% do sexo masculino, e 28.8% (n=30) dos participantes foram perpetradores de violência interpessoal, sendo 83.3% do sexo feminino e 16.7% do sexo masculino. A violência interpessoal deste questionário pode ser dividida em violência sexual, *stalking*, assédio sexual, violência no namoro (psicológica e física) e outro tipo de violência interpessoal (“Alguém publicou em redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram) ou enviou emails, mensagens ou voicemails com comentários maldosos, insultuosos ou humilhantes acerca de si”).

No questionário utilizado existem três questões que permitem avaliar a ocorrência de violência sexual, sendo estas questões diferentes relativamente à razão para a vítima ter experienciado uma relação sexual não consentida.

Podemos verificar na Tabela 3 que nenhum participante foi vítima de violência sexual por se encontrar demasiado alcoolizado ou sob o efeito de drogas para dar o seu consentimento; 1% dos participantes foi fisicamente forçado a ter relações sexuais (uma mulher); e 3.8% dos participantes foram coagidos a ter uma relação sexual (sendo a questão “Teve atividades sexuais não consentidas com alguém porque ameaçaram terminar a relação se não o fizesse, ou por se ter sentido pressionada(o) pelos argumentos ou suplicios do outro?”). Assim, 4.8% dos participantes afirmam ter sofrido violência sexual. Sendo, todas as vítimas do sexo feminino e heterossexuais. Relativamente ao ano que frequentam na universidade, 2 das vítimas encontram-se no segundo ano, e cada uma das restantes três vítimas encontram-se no terceiro ano, quarto ano e quinto ano do ensino superior.

Tendo em conta a coluna relativa aos perpetradores, podemos verificar que em todas as 3 questões relativas à violência sexual, 1% dos participantes afirma ter sido o perpetrador de sexo coagido, de sexo forçado fisicamente e de relações sexuais não consentidas por a vítima estar demasiado alcoolizada ou sob o efeito de drogas para consentir. Assim, 1.9% dos participantes foi perpetrador de algum tipo de violência sexual. Sendo 50% (n=1) do sexo feminino e 50% (n=1) do sexo masculino, os dois são heterossexuais, os encontram-se no primeiro ano do ensino superior e apenas a mulher faz parte de uma equipa de desporto.

Relativamente ao *stalking*, podemos verificar que 8.7% dos participantes já foi vítima, mas nenhum foi perpetrador. Sendo 77.8% (n=7) das vítimas do sexo feminino e 22.2% (n=2) das vítimas do sexo masculino.

A percentagem de vitimização de assédio sexual é de 24%, sendo 92% (n=23) do sexo feminino e 8% (n=2) do sexo masculino, e 6.7% foram perpetradores de assédio sexual, sendo 57.1% (n=4) do sexo masculino e 42.9% (n=3) do sexo feminino.

Relativamente à violência no namoro, 40.4% dos participantes foram vítimas, sendo 90.4% (n=38) do sexo feminino, e 27.9% foram perpetradores, sendo que 86.2% (n=25) são do sexo feminino e 13.8% (n=4) do sexo masculino. Este constructo foi dividido em violência física e violência psicológica no namoro, sendo que 11.5% dos participantes foram vítimas de violência física (100% do sexo feminino) e 39.4% (90.2% do sexo feminino e 9.8% do sexo masculino) foram vítimas de violência psicológica, e 7.7% e 27.9% dos participantes foram perpetradores de violência física (100% do sexo feminino) e violência psicológica (86.2% do sexo feminino e 13.8% do sexo masculino), respectivamente.

Relativamente à pergunta “Você publicou em redes sociais (por exemplo, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*) ou enviou *e-mails*, mensagens ou *voicemails* com comentários maldosos, insultuosos ou humilhantes acerca de alguém”, podemos ver que 1.9% dos participantes já perpetraram este tipo de violência interpessoal, sendo os 2 participantes do sexo masculino. Nenhum dos participantes foi vítima deste tipo de violência interpessoal.

4.2. Relação do perpetrador de Violência Sexual com a Vítima

Na Figura 4, podemos observar qual a relação das vítimas dos três diferentes tipos de violência sexual descritos no questionário com o seu perpetrador.

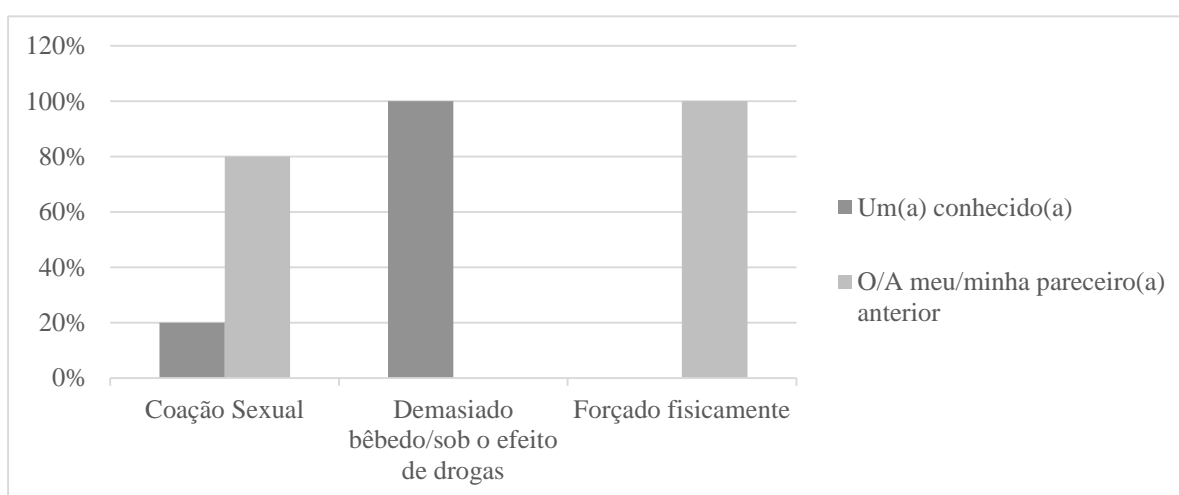


Figura 4. Percentagens das respostas relativas à relação do perpetrador de violência sexual com a vítima.

Podemos concluir ao observar a Figura 4 que o perpetrador de violência sexual é sempre um conhecido da vítima, já que em 80% dos participantes que foram vítimas de violência sexual devido a coação o perpetrador foi o/a parceiro(a) anterior e 20% foi um conhecido(a); no caso da vítima de violência sexual devido a estar demasiado alcoolizada ou sob o efeito de drogas para consentir, o perpetrador foi um(a) conhecido(a); e a vítima de violência sexual que foi forçada fisicamente a atividades sexuais não consentidas, o perpetrador foi o(a) seu/sua parceiro(a) anterior.

4.3. Consequências de ser vítima de Violência Sexual

Para averiguar as consequências de ser vítima de violência sexual, inicialmente é perguntado a todos os participantes “Já foi magoada(o) como resultado de atividades sexuais não consentidas?” (Figura 15), sendo seguido da pergunta “Como foi magoada(o) por causa de atividade sexual não consentida.” (Figura 16).

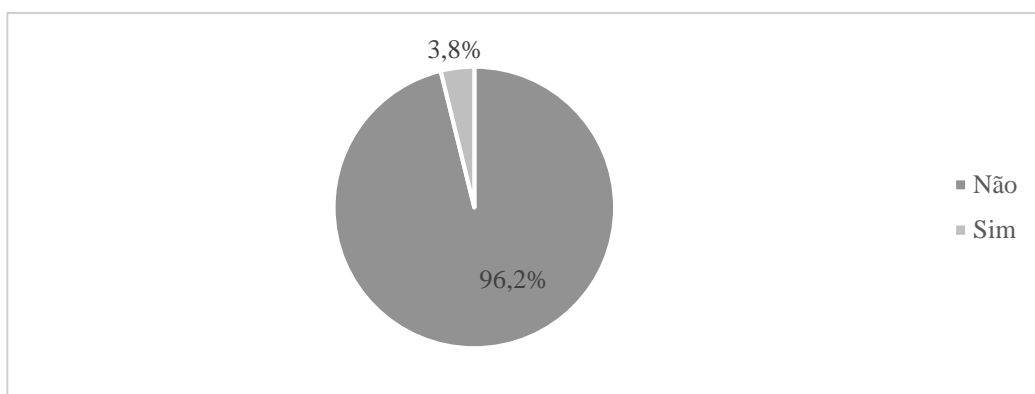


Figura 5. Percentagem de respostas à pergunta “ Já foi magoada(o) como resultado de atividades sexuais não consentidas?”

Na Figura 5 podemos observar que apenas 3.8% dos participantes foram magoados como resultado de atividades sexuais não consentidas e 50% desses participantes afirmam ter sido magoados(as) fisicamente e os outros 50% afirmam ter sido emocionalmente magoados(as) (Figura 6).

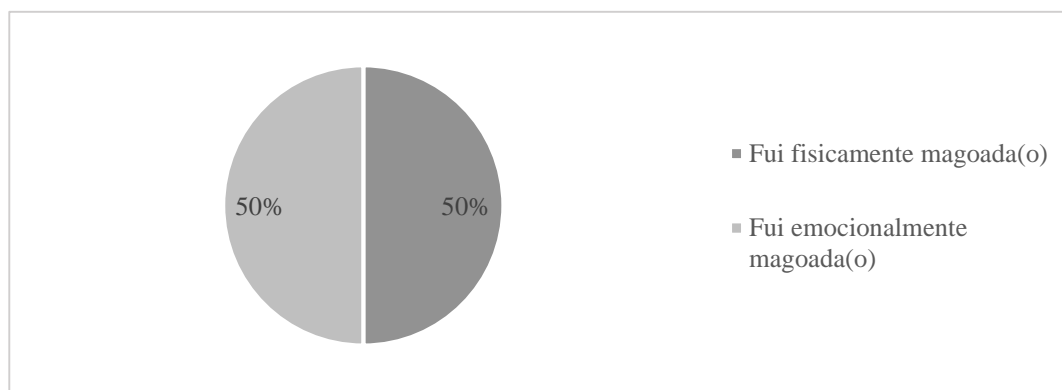


Figura 6. Percentagem de respostas ao item “Por favor, diga-nos como foi magoada(o) por causa de atividade sexual não consentida.”

De seguida são feitas apenas perguntas aos participantes que afirmam ter sido vítimas de violência sexual (n=8) relativas às consequências desta forma de vitimização.

Tabela 4. Percentagens relativas a diferentes formas de consequências de ter sido vítima de violência sexual.

Consequências de ser vítima de sexo não consentido (n=7)	Percentagens de respostas a cada item (%)
- Teve pesadelos sobre isso ou pensou sobre isso quando não o queria?	-
- Tentou arduamente não pensar nisso ou alterou a sua vida para evitar situações que a(o) lembrassem disso?	-
- Esteve constantemente em guarda, vigilante ou em sobressalto?	-
- Sentiu-se apática(o) ou desligada(o) dos outros, de atividades ou do ambiente que a(o) rodeia?	-
- Faltou às aulas ou ao trabalho como resultado das atividades sexuais não consentidas?	-
- Entregou trabalhos atrasados ou fez exames atrasados, ou foi incapaz de completar os trabalhos ou fazer os exames devido a atividades sexuais não consentidas?	12.5% (1 vez)
- As suas notas pioraram por causa das atividades sexuais não consentidas?	-
- Pensou em deixar a sua universidade por causa das atividades sexuais não consentidas?	-

Ao observar a Tabela 4, percebemos que a maioria das vítimas não sofreu nenhuma das consequências listadas, apenas 1% dos participantes afirma que “Entregou trabalhos atrasados

ou fez exames atrasados, ou foi incapaz de completar os trabalhos ou fazer os exames devido a atividades sexuais não consentidas” por 1 vez.

Polícia	0
Linha de apoio	0
Cuidado médico fora do campus universitário	0
Serviços de saúde do estudante na minha...	0
Ajuda online	0
Intervenção em Casos de Abuso Sexual e...	0
Conselheiro, terapeuta ou outro técnico da saúde...	0
Defensor de vítimas de abuso sexual	0
Mentor(a)	0
Familiar	0
Amigo(a)	1

Figura 7. Número de participantes que contactaram alguma das opções descritas como resultado de terem sido vítimas de atividade sexual não consentida.

Relativamente a ter falado com alguém como resultado da atividade sexual não consentida, podemos verificar que apenas uma das vítimas falou com um amigo e ninguém contactou nenhuma das outras pessoas (Figura 7).

4.4. Consequências da agressão física por um parceiro (violência no namoro)

Tentando perceber quais as consequências que os participantes deste questionário viveram ao serem vítimas de agressão física no namoro, foi feita uma série de perguntas melhor descritas na Tabela 5 e na Figura 8, em que podemos ver a percentagem de participantes que relatou ter vivido o tipo de consequência relatado no questionário.

Tabela 5. Percentagens relativas a diferentes formas de consequências de ter sido vítima de agressão física por parte do(a) parceiro(a).

Consequências de ter sido vítima de agressão física no namoro desde o início do ano letivo (n=11)	Percentagens de respostas afirmativas a cada item (%)
- Teve pesadelos sobre isso ou pensou sobre isso quando não o queria?	27.3%
- Tentou arduamente não pensar nisso ou alterou a sua vida para evitar situações que a(o) lembrassem disso?	36.4%

- Esteve constantemente em guarda, vigilante ou em sobressalto?	9.1%
- Sentiu-se apática(o) ou desligada(o) dos outros, de atividades ou do ambiente que a(o) rodeia?	9.1%
- Faltou às aulas ou ao trabalho como resultado de ter sido agredida(o) ou magoada(o) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?	-
- Entregou trabalhos atrasados ou fez exames atrasados, ou foi incapaz de completar os trabalhos ou fazer os exames devido a ter sido agredida(o) ou magoada(o) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?	9.1% (1 vez)
- As suas notas pioraram por causa das atividades sexuais não consentidas?	9.1%
- Pensou em deixar a sua universidade por causa de ter sido agredida(o) ou magoada(o) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?	9.1%

Na Tabela 5 podemos verificar que 27.3% dos participantes tiveram pesadelos ou pensaram sobre isso quando não o queriam; 36.4% dos participantes tentaram arduamente não pensar na situação ou alteraram as suas vidas para não se lembrarem do sucedido; 9.1% estiveram em modo de vigia ou sobressalto e sentiram-se apáticos ou desligados do que os rodeava. Relativamente às consequências a nível académico, 9.1% dos participantes afirmam que entregou trabalhos atrasados, as suas notas pioraram ou pensou em deixar a universidade.

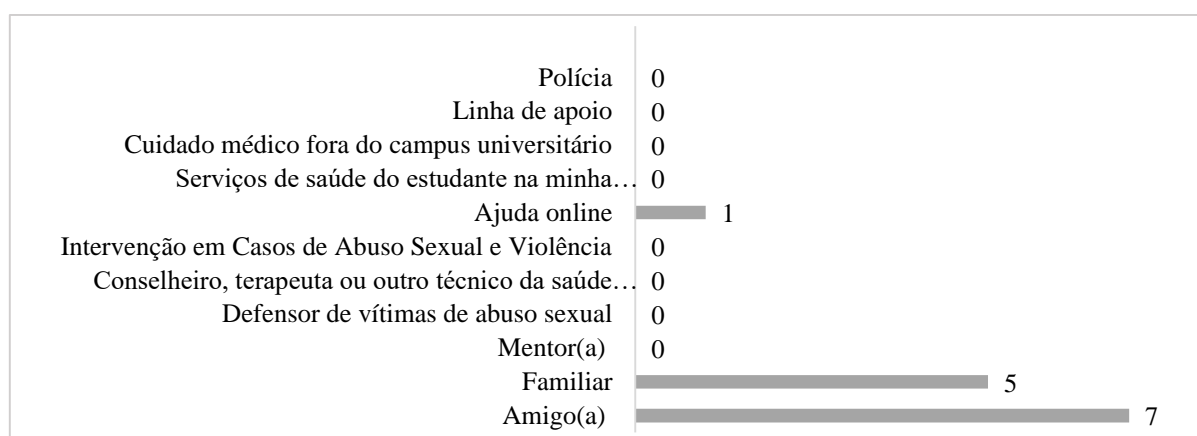


Figura 8. Número de participantes que contactaram alguma das opções descritas como resultado de terem sido vítimas de agressão física pelo seu/sua parceiro(a).

O facto de ter sido agredido(a) fisicamente pelo parceiro levou a que 1 dos 11 participantes procurou ajuda online, 4 dos participantes falassem com um familiar e 7 dos participantes falassem com um amigo. Apenas um participante dos 11 não referiu nenhuma das opções (Figura 8).

4.5. A Violência Sexual e as Drogas e o Álcool

A percentagem do consumo de mais de 5 bebidas alcoólicas no último mês pode ser observada na Figura 9, aqui podemos ver que 30% dos participantes não beberam esta quantidade de bebidas em nenhum dia, 29% dos participantes nunca bebem, 28% dos participantes beberam em 1-2 dias, 11% dos participantes beberam entre 3 e 9 dias, 1% afirma ter bebido entre 10 e 19 dias e outro 1% não responde à pergunta. Para além disso, procurou-se saber se o facto de os participantes terem bebido mais de 5 bebidas pelo menos 1 dias estava relacionado com o facto de ser perpetrador ou vítima de violência sexual, mas não foi encontrada uma associação significativa entre as duas variáveis ($p>0.05$).

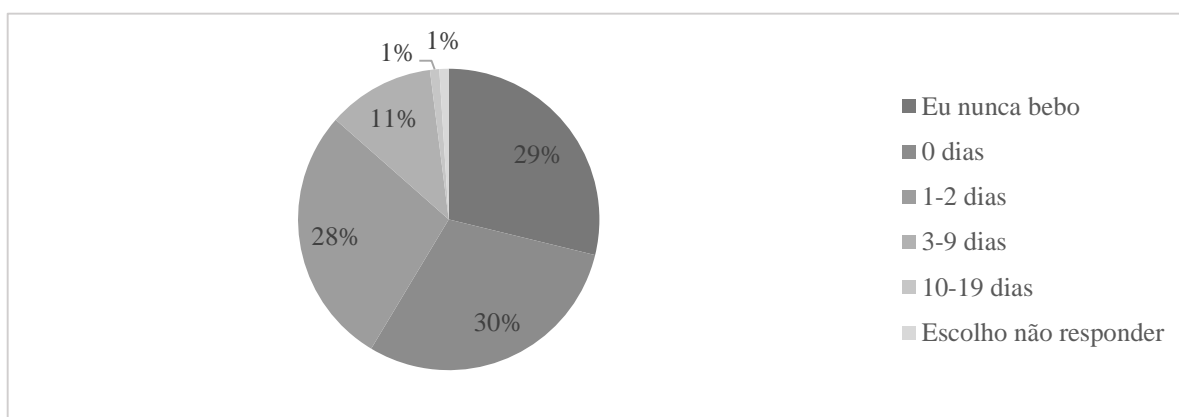


Figura 9. Percentagens das respostas ao item “Durante o último mês, quantos dias bebeu mais de 5 bebidas com álcool de uma só vez (em poucas horas)?”

Relativamente ao consumo de drogas para além das usadas por questões médicas conseguimos observar que 90.4% dos participantes afirmam nunca ter utilizado drogas no último mês, 5% afirmam ter utilizado no último mês e outros 5% afirmam não ter utilizado no último mês, mas sim no último ano (Figura 10). De seguida, procurou-se saber se existe alguma relação entre ter utilizado drogas e ser perpetrador ou vítima de violência sexual e não foi encontrada qualquer associação ($p>0.05$).

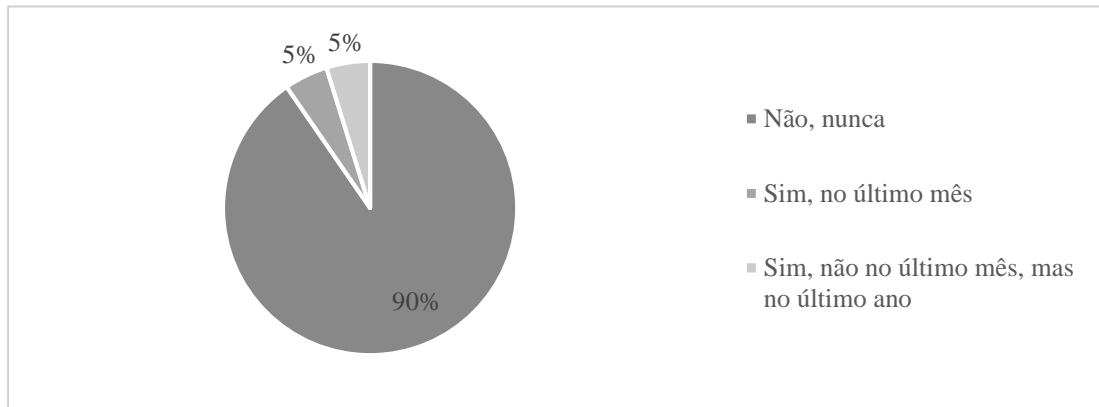


Figura 10. Percentagens de respostas ao item “No último mês, usou outras drogas para além das usadas por questões médicas?”.

Relativamente à colocação de drogas na bebida de alguém podemos verificar que nenhum dos participantes praticou esta ação. No entanto, 1% dos participantes afirma que já lhe colocaram droga na bebida 1 vez e 1.9% afirma que colocaram droga na sua bebida 2 vezes (Figura 11).

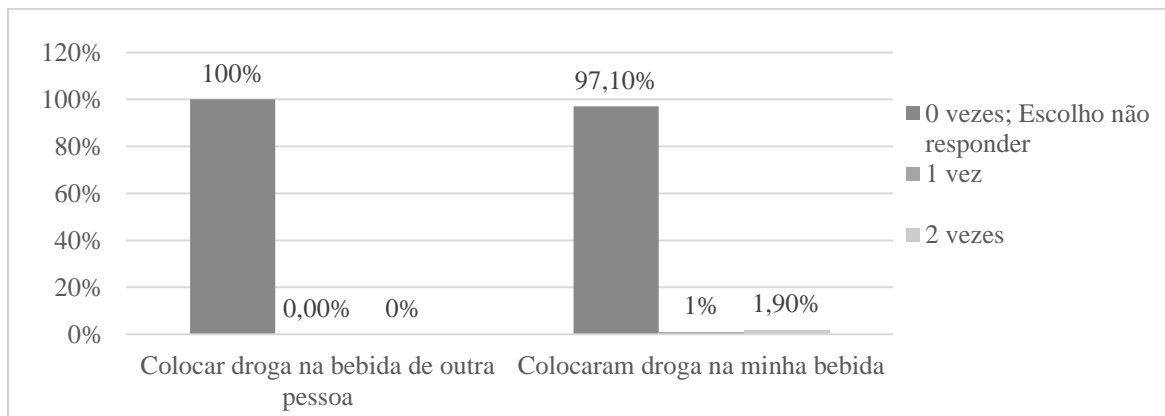


Figura 11. Percentagens de cada resposta ao item “Você ou alguém que conhece alguma vez colocou droga na bebida de outra pessoa sem ela saber?” e ao item “Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes suspeita ou sabe que alguém colocou droga na sua bebida SEM o seu conhecimento?”.

Aos participantes que responderam positivamente ao último item (n=9), foi feita uma nova questão “O que fez quando soube que alguém tinha colocado droga na bebida de uma pessoa sem o seu conhecimento?”. Como podemos verificar na Figura 12, cada participante apresentou a sua acção, 22% tentaram que a pessoa não bebesse álcool, 11% dos participantes choraram, 11% apresentaram denúncia, 11% ajudaram a pessoa e certificaram-se de que

chegava bem a casa, 11% tentou que a pessoa não bebesse, 11% levaram a pessoa para casa, 11% ajudaram a vítima (pensavam que estava bêbeda) e 11% levaram a vítima aos bombeiros.

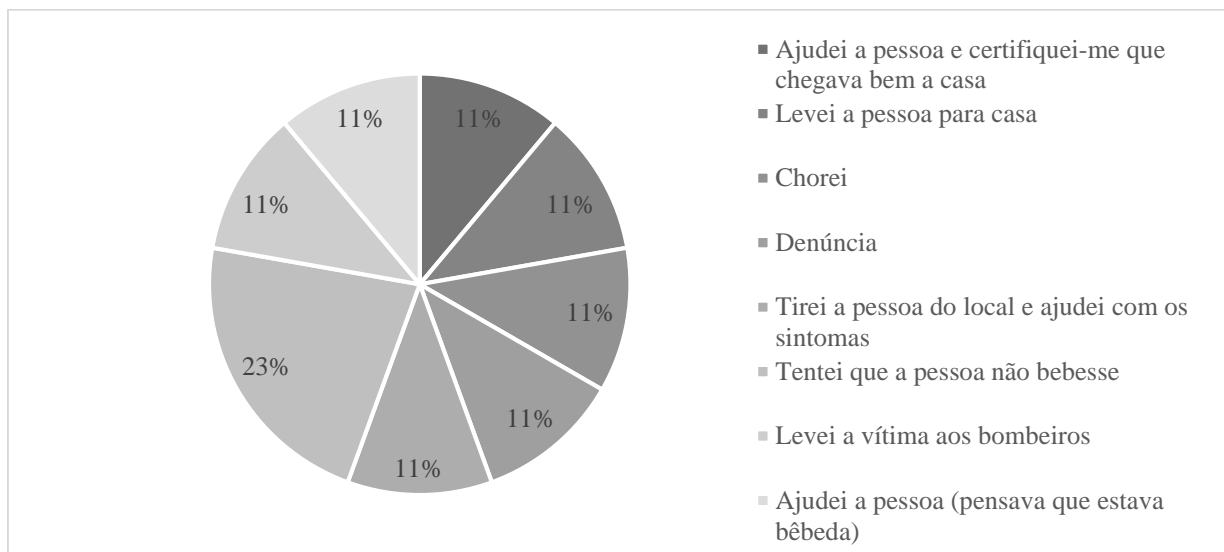


Figura 12. Percentagem de respostas dadas ao item “O que fez quando soube que alguém tinha colocado droga na bebida de uma pessoa sem o seu conhecimento?”.

De seguida, foram feitas algumas perguntas que permitem descrever melhor as situações em que os participantes afirmam ter tido alguém a colocar-lhes droga na bebida (Tabela 6).

Tabela 6. Percentagens de respostas relativas às questões sobre a situação de ter sido colocada uma droga na bebida do participante sem o seu conhecimento.

Questões relativas à situação de colocarem droga na bebida sem o conhecimento (n=3)	Respostas dadas pelas vítimas (%)	
- Onde aconteceu isto?	Num bar (33.3%)	Num bar e Numa discoteca (66.7%)
- Quem colocou droga na bebida?	Um(a) conhecido(a) (66.7%)	Um(a) estranho(a) (33.3%)
- Se conhece quem fez isto, qual o género da pessoa?	Masculino (100%)	-
- Quais foram as consequências para si?	Blacked out/ Perda de memória (33.3%)	Fui magoada(o) fisicamente (por exemplo, bateram-me, deram-me bofetadas, espancaram-me) (66.7%)
- Como responderam as outras pessoas quando você estava sob o efeito de drogas?	Queriam consumir (66.7%)	Não estava ninguém presente (33.3%)

- Porque acha que alguém colocou droga na sua bebida?	Diversão (33.3%)	Não sei (66.7%)
- Há mais alguma coisa que nos possa dizer acerca do momento em que foi drogada(o)?	Nada de grave (33.3%)	Não me lembro, momentos apagados (66.7%)
- Recebeu alguns cuidados médicos quando estava sob o efeito de drogas?	Não (100%)	-

Podemos verificar que relativamente ao local 66.7% afirma ter sido num bar e numa discoteca e 33.3% afirma ter sido num bar; a pessoa que colocou a droga foi um conhecido (66.7%) ou um estranho (33.3%) e era do sexo masculino (100%); relativamente às consequências, 33.3% afirma ter tido perda de memória (*blacked out*) e 66.7% afirma ter sido magoado fisicamente; as pessoas que os rodeavam queriam consumir a droga (66.7%) e 33.3% afirma não estar ninguém presente; a razão sugerida para a pessoa o ter feito é diversão (33.3%) e 66.7% diz não saber a razão; e ninguém recebeu cuidados médicos (Tabela 6).

4.6 Mitos da Violação

Procurando perceber se existe relação entre a aceitação dos mitos de violação e o sexo do participante foi realizado o teste T-student que nos permitiu perceber que existem diferenças significativas nos níveis de aceitação dos mitos de violação entre homens e mulheres [$t(102)=3.277; p=0.001$]. Através da Tabela 7 podemos verificar que a média é superior no sexo masculino e, por tanto, os homens aceitam mais facilmente os mitos da violação.

Tabela 7. Estatísticas descritivas e teste de T-Student relativos à associação da aceitação dos mitos de violação e o sexo do participante.

			Estatísticas Descritivas			T-test
			N	Média	Std. Deviation	Sig. (2-tailed)
Aceitação dos Mitos da Violação	Total			1.456		0.001
	Masculino	15		1.8190	0.63766	
	Feminino	89		1.3949	0.42966	

Ao relacionar a variável da aceitação dos mitos da violação com o ano que o participante frequenta (Tabela 8), percebemos que existe uma correlação entre as duas variáveis ($r=-0.197$; $p=0.045$). No entanto, ao verificar-se se esta correlação é mais significativa nos participantes do sexo masculino ou do sexo feminino, não foi encontrada qualquer relação entre a aceitação dos mitos de violação e os dois sexos ($p>0.05$).

Tabela 8. *Correlações entre a variável aceitação dos mitos de violação e o ano que o participante frequenta, com e sem diferenciação do sexo dos participantes.*

		Correlações
		Ano que frequenta no ensino superior
Aceitação dos Mitos da Violação	Pearson Correlation	-0.197
	Sig. (2-tailed)	0.045
	N	104
Aceitação dos Mitos da Violação para o Sexo Feminino	Pearson Correlation	-0.181
	Sig. (2-tailed)	0.090
	N	89
Aceitação dos Mitos da Violação para o Sexo Masculino	Pearson Correlation	0.026
	Sig. (2-tailed)	0.926
	N	15

Querendo verificar a existência de uma associação entre a aceitação dos mitos de violação e o nível de religiosidade dos participantes foi feita uma correlação de Pearson (Tabela 9) que nos permitiu perceber que existe uma correlação positiva entre as duas variáveis ($r=0.248$; $p=0.011$).

Tabela 9. *Correlação de Pearson entre a variável aceitação dos mitos da violação e religiosidade, consumo de álcool e ser perpetrador de violência sexual.*

		Correlação de Pearson		
		Religiosidade	Consumo de álcool	Perpetrador de Violência Sexual
Mitos da	Pearson Correlation	0.248	0.055	0.220
Violação	Sig. (2-tailed)	0.011	0.577	0.025

Na Tabela 9 também é possível observar que não foi encontrada qualquer correlação entre a aceitação dos mitos de violação e o consumo de álcool ($p=0.577$) e foi encontrada uma correlação entre os mitos da violação e ser perpetrador de violência sexual ($r=0.220$; $p=0.025$).

4.7. Discriminação das mulheres e Violência Sexual

Querendo perceber se existe uma associação entre o nível total de discriminação das mulheres e ser perpetrador de violência sexual foi realizado um coeficiente de correlação de Pearson (Tabela 10) que nos permite concluir que existe uma correlação significativa entre as duas variáveis ($r=0,430$; $p<0.001$).

Tabela 10. *Correlação de Pearson entre a variável discriminação das mulheres e a perpetração de violência sexual e de violência interpessoal.*

		Correlações de Pearson	
		Perpetrador de Violência Sexual	Perpetrador de Violência Interpessoal
Discriminação das mulheres	Pearson Correlation	0.430	0.094
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.344

No entanto, ao relacionar a mesma variável com ser perpetrador de violência interpessoal não foi encontrada qualquer relação ($p=0.344$). Para além disso foi encontrada uma associação significativa entre a discriminação das mulheres e os mitos da violação ($p<0.001$).

4.8. Desejabilidade Social

Observando a Tabela 11 conseguimos perceber que a média dos valores encontrados na escala de desabilidade social é de 6.88 o que representa um valor médio de desejabilidade social (varia entre 0 e 13, sendo 13 o menor valor de desejabilidade social). Assim, é de esperar que as respostas dos participantes não sejam muito afetadas pela desejabilidade social.

Tabela 11. *Estatísticas descritivas relativas à variável desejabilidade social e correlação de Pearson da desejabilidade social com a aceitação dos mitos de violação e a discriminação da mulher.*

	Estatísticas Descritivas				Correlação de Pearson	
	N	Mínimo	Máximo	Média	Mitos da Violação Sig. (2-tailed)	Discriminação da mulher Sig. (2-tailed)
Desejabilidade Social	104	2	13	6.88	0.643	0.994

Para averiguar se as respostas dadas nos mitos de violação e discriminação da mulher foram afetadas por este construto, foi realizada uma correlação de *Pearson* (Tabela 11) que mostrou que não existe nenhuma associação entre as variáveis ($p>0.05$).

4.9. Auto-Controlo

Procurando perceber se existe uma associação entre o auto-controlo e a violência interpessoal e a violência sexual, foi realizado um coeficiente de correlação de *Pearson* (Tabela 12) entre as variáveis referidas.

Tabela 12. *Correlação de Pearson entre a variável auto-controlo e as variáveis Violência Sexual e Violência Interpessoal.*

		Correlações de Pearson	
		Violência sexual	Violência Interpessoal
Auto-controlo	Pearson Correlation	0.147	0.170
	Sig. (2-tailed)	0.137	0.084

Na Tabela 12 verificamos que não existe qualquer correlação significativa entre o auto-controlo e os dois tipos de violência referidos ($p>0.05$).

4.10. Comportamentos de “*Bystander*” ativos e Observação de comportamentos de “*Bystander*”

Relativamente aos comportamentos de “*bystander*” ativos, podemos verificar na Tabela 13, que a maioria dos participantes afirma ter tido estes comportamentos, variando esta percentagem de 71.2% a 98.1% na maioria das questões. No entanto, no item “Eu fiz algo para ajudar uma pessoa a quem tinham posto droga na sua bebida sem o seu conhecimento.”, apenas 7.7% dos participantes responderam afirmativamente a esta pergunta (neste caso, devido ao facto de todos os 0 vezes serem correspondentes a “Esta situação nunca aconteceu”) e no item “Disse a alguém que ficar bêbado o põe em maior risco de ser vítima de violência.” apenas 32.7% responderam positivamente ao item.

Tabela 13. *Percentagens relativas às respostas dadas aos itens dos comportamentos de “bystander” ativos.*

Tipo de Comportamento de “Bystander” Ativo (n=104)	Percentagem de respostas dada a cada item tendo em conta o número de vezes que o comportamento existiu desde o início do ano letivo anterior (%)	
	0 vezes	Total (≥1 vez)
- Expressou preocupação por um(a) amigo(a) cujo(a) parceiro(a) tinha agido de forma muito ciumenta e tentava controlá-lo(-la).	14.4%	85.6%
- Interveio quando ouviu uma pessoa dizer que alguém merecia ser violado(a) ou ser agredido(a) pelo(a) seu/sua parceiro(a).	4.8%	95.2%
- Falei com um(a) amigo(a) que tinha sido violado(a) ou agredido(a) pelo(a) seu/sua parceiro(a).	4.8%	95.2%
- Já perguntou a alguém que parecia muito triste se estava bem ou precisava de ajuda.	18.3%	81.7%
- Perguntou a um(a) amigo(a) se precisava que o/a acompanha-se a casa ou o/a levasse de carro para o/a manter seguro(a).	10.6%	89.4%
- Disse algo à alguém que se estava a gabar ou arranjar desculpas por ter forçado alguém a ter sexo com ele(a).	2.9%	97.1%
- Arranjou ajuda para um(a) amigo(a) porque ele(a) tinha sido forçado(a) a ter sexo ou tinha sido agredido(a) pelo(a) seu/sua parceiro(a).	1.9%	98.1%
- Discutiu os possíveis perigos de beber demais com os seus amigos.	29.8%	70.2%
- Disse a alguém que estava preocupado(a) com o quanto essa pessoa bebe.	17.3%	82.7%
- Disse a alguém que ficar bêbado o põe em maior risco de ser vítima de violência.	67.3%	32.7%
- Expressou preocupação quando alguém estava a falar do quão bêbado tinha ficado.	13.5%	86.5%

- Certificou-se de que alguém que tinha bebido demais chegava a casa de forma segura.	7.7%	92.3%
- Eu fiz algo para ajudar uma pessoa a quem tinham posto droga na sua bebida sem o seu conhecimento.	92.3%	7.7%

Na Tabela 14 podemos verificar que a maioria dos participantes não observa atitudes de bystander. Esta percentagem vai de 1,9% nos itens “Eu observei alguém no meu campus universitário a falar com uma(o) amiga(o) que tinha sido violada(o) ou agredida(o) pelo(a) seu/sua parceiro(a).” e “Eu observei alguém no campus da minha universidade a chamar à razão uma pessoa que se estava a gabar ou arranjar desculpas por ter forçado alguém a ter sexo com ele(a).”, até 42,3% no item “Eu observei alguém no meu campus universitário a perguntar a alguém que parecia muito triste se estava bem ou se precisava de ajuda.”

Tabela 14. Percentagens relativas às respostas dadas aos itens de observador comportamentos de “bystander”.

Forma de Observador de Comportamentos de “Bystander” (n=104)	Percentagem de respostas dada a cada item tendo em conta o número de vezes que o comportamento existiu desde o início do ano letivo anterior (%)	
	0 vezes	Total (≥1 vez)
- Eu observei alguém no meu campus universitário a expressar preocupação por uma(um) amiga(o) cuja(o) parceira(o) estava a agir de forma muito ciumenta e a tentar controlá-la(o).	81.7 %	18.3%
-Eu observei alguém no meu campus universitário a chamar a atenção uma pessoa que disse que alguém devia ser violado ou agredido pelo(a) seu/sua parceiro(a).	93.3%	6.7%
- Eu observei alguém no meu campus universitário a falar com uma(o) amiga(o) que tinha sido violada(o) ou agredida(o) pelo(a) seu/sua parceiro(a).	98.1%	1.9%
- Eu observei alguém no meu campus universitário a perguntar a alguém que parecia muito triste se estava bem ou se precisava de ajuda.	58.7%	42.3%

- Eu observei alguém do campus da minha universidade a perguntar a um(a) amigo(a) se precisava de o(a) acompanhar a casa ou o(a) levasse de carro para o(a) manter em segurança.	66.3%	33.7%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a chamar à razão uma pessoa que se estava a gabar ou arranjar desculpas por ter forçado alguém a ter sexo com ele(a).	98.1%	1.9%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a procurar ajuda para um amigo(a) porque ele/ela tinha sido forçado a ter sexo ou tinha sido magoado(a) pelo seu parceiro(a).	94.2%	5.8%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a discutir os possíveis perigos de beber demasiado com os seus amigos.	68.3%	31.7%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a dizer a alguém que estava preocupada com o quanto essa pessoa bebe.	65.4%	34.9%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a dizer a alguém que ficar bêbedo os coloca em risco de ser vítima de violência.	83.7%	17.3%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a expressar preocupação por alguém estar a falar do quão “bêbedo” esteve.	72.1%	27.9%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a ter a certeza de que alguém que tinha bebido demais chegava a casa de forma segura.	60.6%	39.4%
- Eu observei alguém no campus da minha universidade a ajudar uma pessoa a quem tinham posto drogas na bebida sem ela saber.	96.2%	7.7%

4.11. Crenças sobre capacidades pessoais para intervir na violência sexual e no namoro

As crenças sobre as capacidades pessoais para intervir em caso de violência sexual e no namoro foram divididas em quatro questões: acreditar que tem as competências necessárias para intervir, acreditar que os pares irão ouvir o que têm a dizer contra a violência, acreditar

que a violência sexual e no namoro pode ser evitada ou prevenida e acreditar que os esforços pessoais podem fazer a diferença na redução deste tipo de violência.

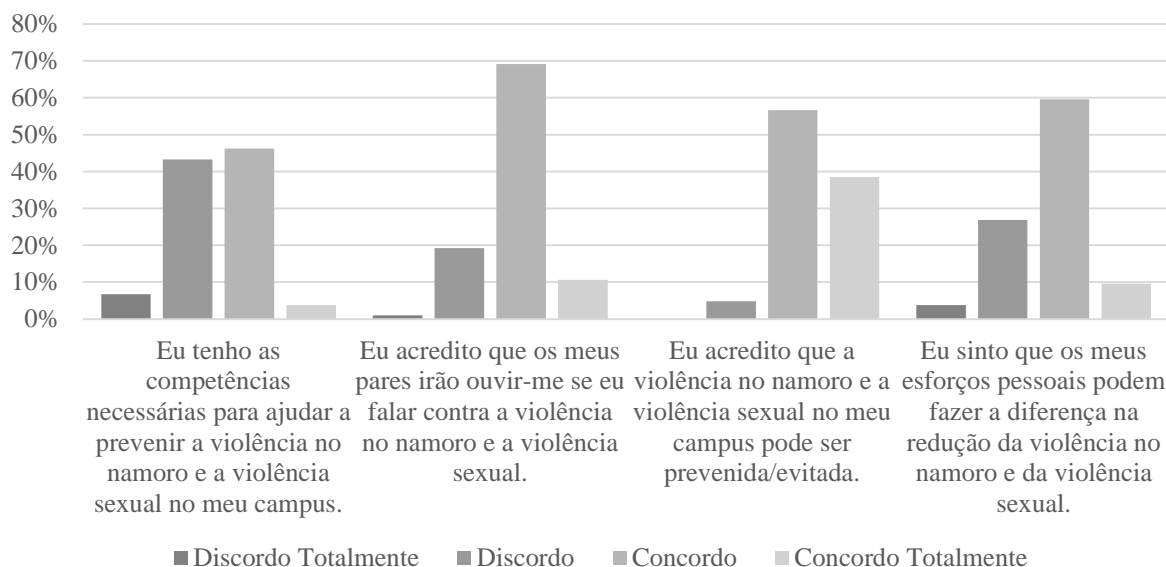


Figura 13. Percentagem de concordância com as diferentes crenças sobre as capacidades pessoais para intervir na violência sexual e no namoro.

Com a Figura 13 podemos verificar que não existe uma concordância relativa às competências necessárias para ajudar a prevenir a violência no namoro e a violência sexual no campus universitário, já que 43.4% dos participantes não acreditam ter estas competências e 46.2% concordam com o facto de terem as competências necessárias; 69.2% dos participantes concordam que os pares irão ouvi-los(as) a falar sobre o tema, mas 19.2% discordam; 56.7% dos participantes concorda que estes tipos de violência podem ser prevenidos/evitados no campus universitário e 38.5% concordam totalmente com a afirmação; e 59.6% dos participantes concordam que os seus esforços pessoais fazem a diferença na redução destes tipos de violência, mas 26.9% não concordam com a afirmação

4.12. Programas de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual

Relativamente às questões sobre os programas de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e do Namoro inicialmente foram feitas algumas perguntas sobre estes programas de um modo geral. Podemos verificar na Figura 14 que mais de metade dos participantes (65%) não

ouviu uma apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual, mas 14% ouviu uma vez, 13% ouviu mais do que duas vezes e 8% ouviu uma vez.

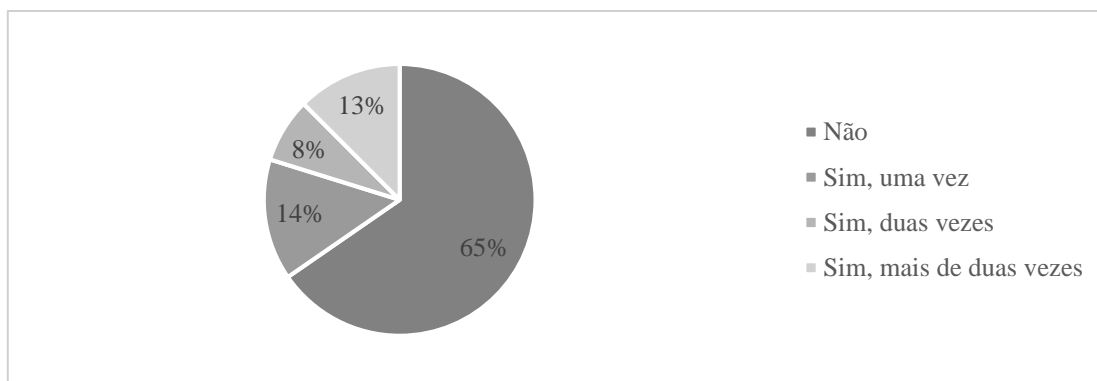


Figura 14. Percentagem de cada respostas ao item “Enquanto estudante da sua universidade, alguma vez ouviu uma apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual?”.

Na Figura 15 conseguimos observar que o modo de apresentação/treino mais referido pelos participantes foi “Um orador falou numa aula de licenciatura da minha universidade” (41.7%), seguido de “Eu ouvi outras apresentações/treinos sobre prevenção da violência no namoro ou sexual além das referidas acima” (38.9%).

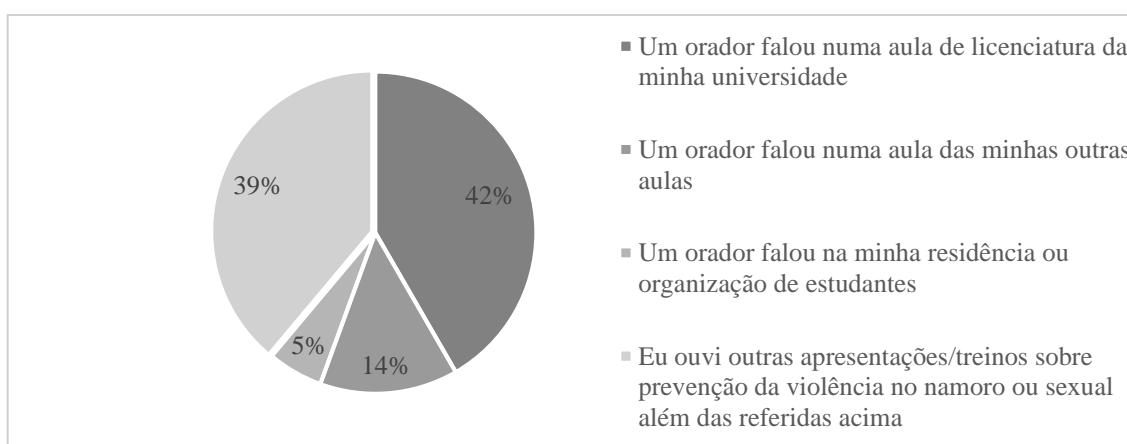


Figura 15. Percentagem de cada respostas ao item “Qual foi a apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual que ouviu?”.

Relativamente a ter ouvido falar de um programa de intervenção e prevenção do assalto e violência sexual na universidade, podemos verificar que apenas 8.7% dos participantes respondem afirmativamente a este item (Figura 16).

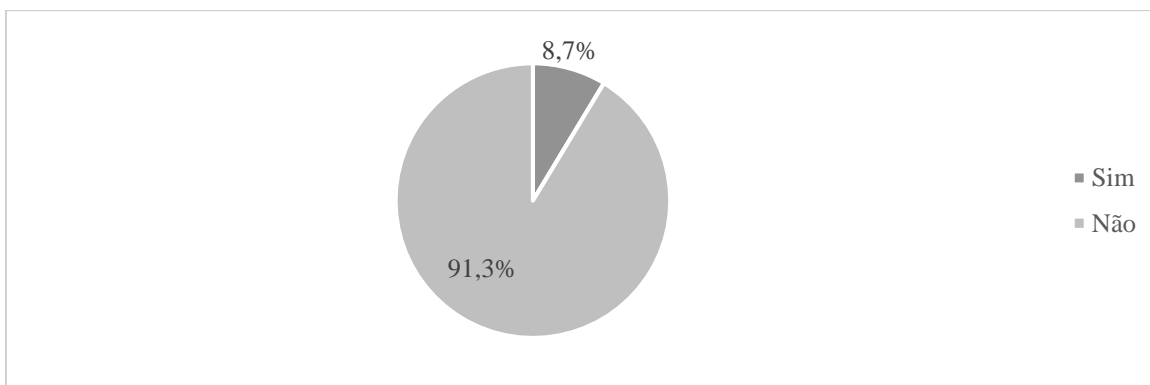


Figura 16. Percentagem de cada respostas ao item “Já ouviu falar sobre um programa de Intervenção e Prevenção do Assalto e Violência Sexual na sua universidade?”

Analisando as respostas ao item “Antes de frequentar a sua faculdade atual, ouviu uma palestra para participar num treino sobre prevenção da violência no namoro ou violência sexual?” pode-se verificar que mais de metade da amostra já tinha ouvido uma palestra sobre este tema (68%), mas 32% dos participantes não tinham ouvido (Figura 17).

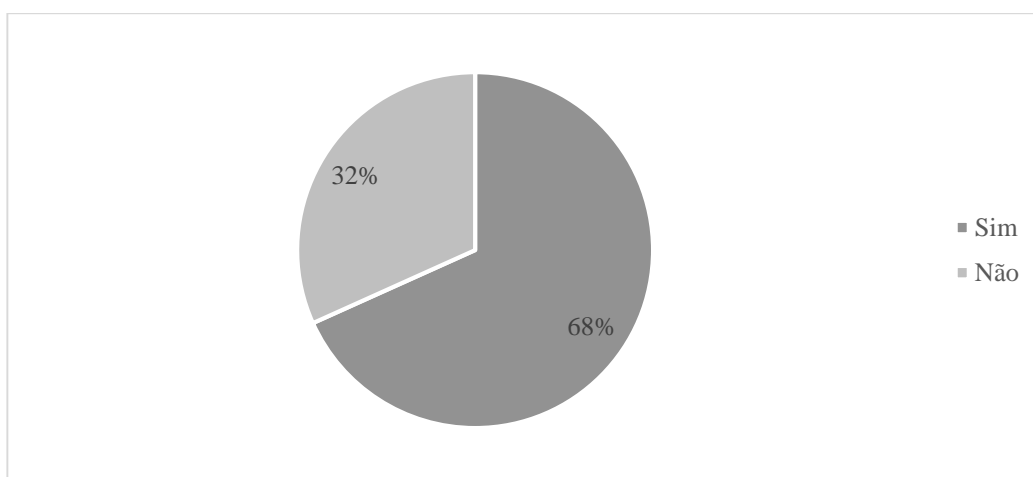


Figura 17. Percentagem de cada respostas ao item “Antes de frequentar a sua faculdade actual, ouviu uma palestra para participar num treino sobre prevenção da violência no namoro ou violência sexual?”

No que diz respeito a outro modo de aprendizagem acerca da violência no namoro ou violência sexual, podemos observar que a maioria dos participantes teve uma disciplina que discutia o tema (n=57), 16 participantes aprenderam sobre o tema através dos meios de comunicação, 13 participantes não aprenderam nada sobre o tema de outro modo, 10 participantes referiram outras palestras, 2 participantes referem a família, 2 a apresentação de trabalhos e 2 um assunto abordado em aula, 1 participante afirma ter trabalhado com algum programa de Prevenção e Intervenção do Assalto e Violência Sexual na minha universidade e

1 participante afirma ter participado em palestras sobre a consciencialização da violência no namoro (Figura 18).

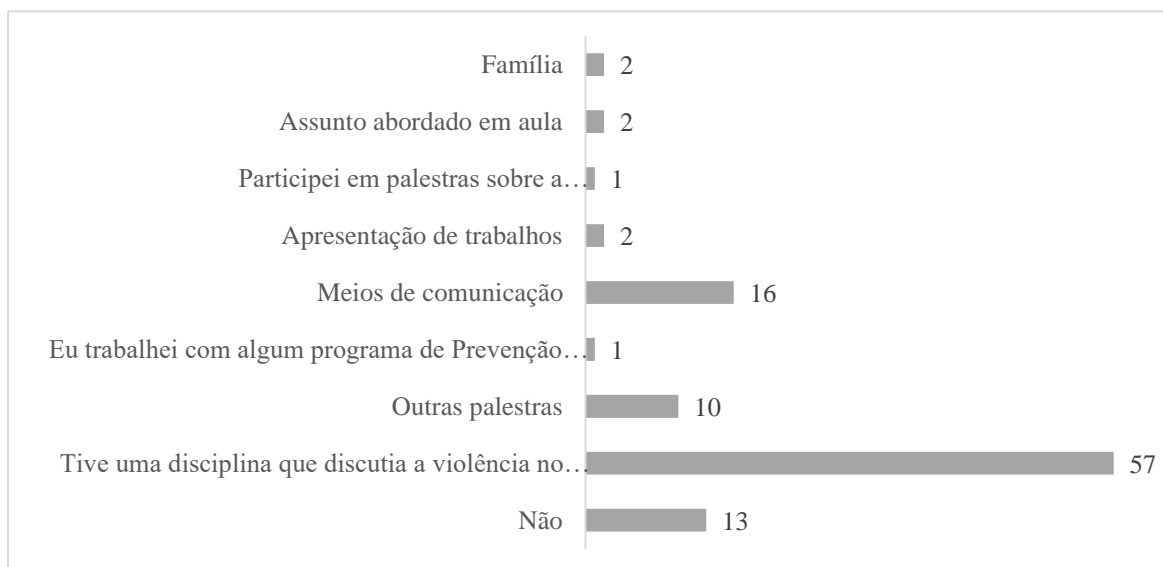


Figura 18. Percentagem de cada respostas ao item “Aprendeu algo sobre a violência no namoro ou violência sexual por outros meios?”

De seguida, são feitas perguntas sobre dois programas mais específicos da Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e do Namoro. Sendo a primeira questão relativa à palestra/apresentação *Green Dot*, podemos verificar na Figura 19 que apenas 3.8% dos participantes afirma já ter ouvido esta palestra uma vez, sendo que 96.2% dos participantes nunca ouviram. Na Figura 20 observamos que um dos participantes ouviu esta palestra na semana anterior, outro participante ouviu no mês anterior, outro participante refere que ouviu nesse mesmo ano e um participante afirma não se lembrar de quando foi.

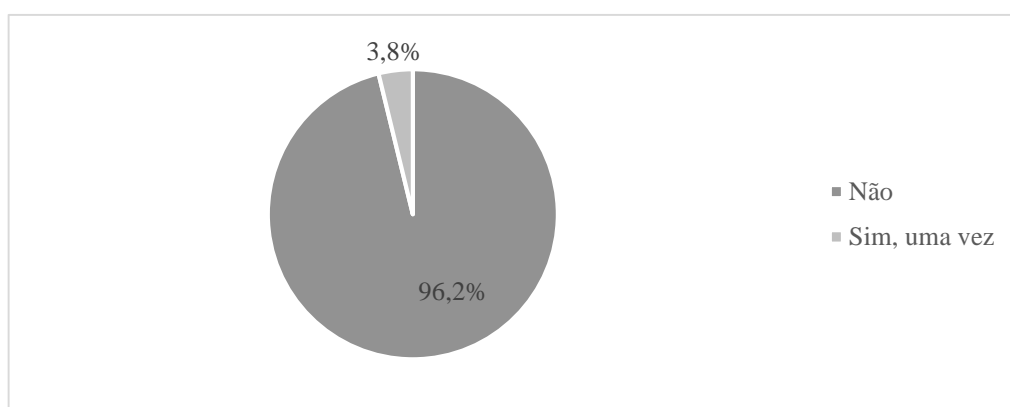


Figura 19. Percentagem de cada respostas ao item “Já ouviu a palestra ou apresentação *Green Dot*?”

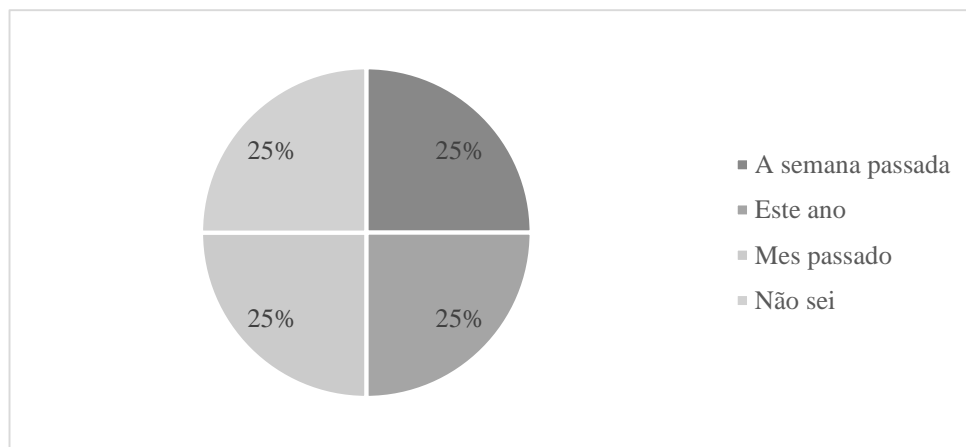


Figura 20. Percentagem de cada respostas ao item “Quando ouviu a palestra ou apresentação Green Dot? Se ouviu mais do que uma vez, qual foi a vez mais recente?”

Relativamente a ter recebido um treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança, apenas 3% (n=3) dos participantes afirmam ter recebido este treino, sendo 97% nunca o receberam (Figura 21). De seguida, foi feita uma série de perguntas aos estudantes que responderam positivamente a esta pergunta. Tendo em conta o momento em que receberam este treino, um participante afirma que o recebeu este ano (2019), outro participante afirma que o recebeu em 2016 e o outro participante não dá uma data concreta, dizendo apenas “Anos atrás”. O formato do treino foi num grupo fora da aula para 67% dos participantes e numa aula de faculdade para 33% dos participantes. De seguida, foi perguntado a quantos amigos contaram sobre este treino e podemos verificar que um participante não contou a nenhum amigo, outro participante contou a um amigo e o terceiro participante contou a 6 ou mais amigos.

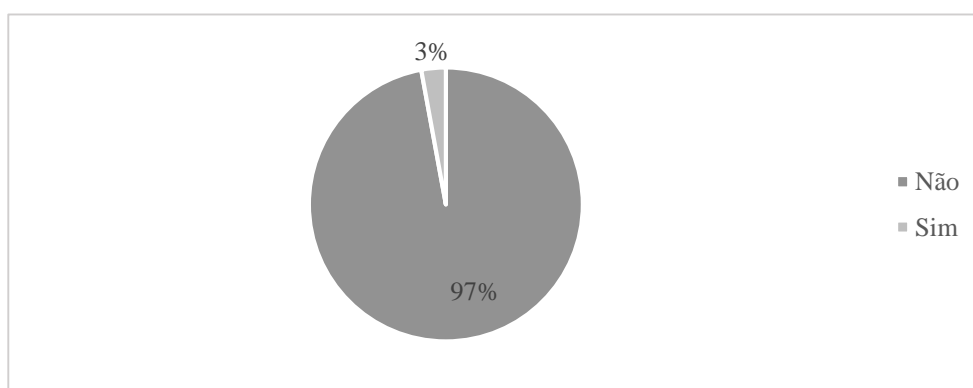
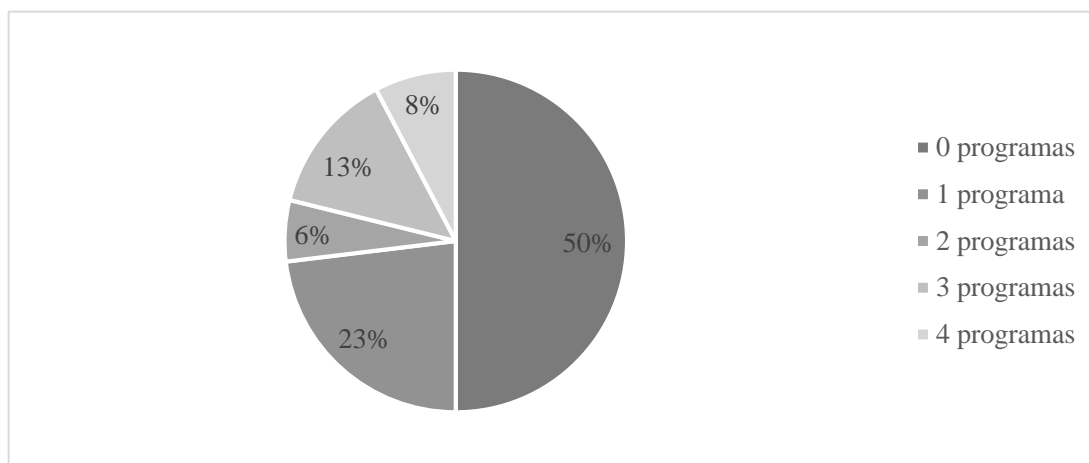


Figura 21. Percentagem de cada respostas ao item “Alguma vez recebeu um treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança?”

No total, 50% dos participantes não estiveram presentes em nenhum dos programas referidos neste questionário, 23.1% estiveram presentes em apenas um dos programas, 13.5%



estiveram presentes em 3 programas, 5.8% estiveram presentes em 2 programas e 7.7% estiveram presentes nos 4 programas (Figura 22).

Figura 22. Percentagem de participantes que esteve presente em nenhum ou em algum dos 4 programas relativos à Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e Violência no namoro.

Nas seguintes tabelas (Tabela 15, Tabela 16 e Tabela 17) foram relacionados os Programas de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e Violência no Namoro com diferentes variáveis. Assim, o Programa 1 diz respeito à pergunta “Enquanto estudante da sua universidade, alguma vez ouviu uma apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual?”, o Programa 2 diz respeito a “Já ouviu a palestra ou apresentação *Green Dot*?”, o Programa 3 diz respeito a “Alguma vez recebeu um treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança?” e o Programa 4 refere-se a “Antes de frequentar a sua faculdade actual, ouviu uma palestra para participar num treino sobre prevenção da violência no namoro ou violência sexual?”.

Ao relacionar o facto de ter sido afetado pessoalmente pela violência sexual ou no namoro com o facto de ter participado em algum tipo de programa de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro (Tabela 15) percebemos que não existe qualquer relação significativa entre as duas variáveis ($p > 0.05$).

Tabela 15. Correlação entre os tipos de apresentação ou treino de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro e o facto de ter sido pessoalmente afetado pela violência no namoro ou violência sexual.

Programas de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e Violência no Namoro		Correlação de Spearman	
		Eu fui pessoalmente afetado(a) pela violência no namoro ou violência sexual, porque aconteceu comigo ou com alguém que eu conheço.	
- Programa 1	Correlation Coefficient	0.079	
	Sig. (2-tailed)	0.428	
- Programa 2	Correlation Coefficient	0.103	
	Sig. (2-tailed)	0.297	
- Programa 3	Correlation Coefficient	-0.124	
	Sig. (2-tailed)	0.211	
- Programa 4	Correlation Coefficient	0.067	
	Sig. (2-tailed)	0.497	

Procurando perceber se existe uma associação entre o facto de assistir a uma apresentação ou treino de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro e os comportamentos de “*bystander*” ativos ou a observação destes mesmos comportamentos (Tabela 16), foi realizada uma correlação de *Pearson* que permitiu concluir-se que existe apenas uma correlação significativa entre o ter ouvido alguma apresentação sobre o tema na universidade e observar comportamentos de “*bystander*” ($r= 0,281$; $p=0,004$).

Tabela 16. Correlação entre os tipos de apresentação ou treino de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro e os comportamentos de “*bystander*” ativos e observação de comportamentos de “*bystander*”.

Programas de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e Violência no Namoro		Correlações	
		Comportamentos de “ <i>bystander</i> ” ativos	Observar comportamentos de “ <i>bystander</i> ”
- Programa 1	Pearson Correlation	0.119	0.281
	Sig. (2-tailed)	0.230	0.004
- Programa 2	Pearson Correlation	0.080	0.052
	Sig. (2-tailed)	0.418	0.601
- Programa 3	Pearson Correlation	0.096	-0.123
	Sig. (2-tailed)	0.332	0.213
- Programa 4	Pearson Correlation	0.119	0.078
	Sig. (2-tailed)	0.231	0.431

Na Tabela 17 estão as percentagens de indivíduos que participaram em cada um dos programas de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e na Violência do namoro, encontrando-se inicialmente o total de participantes e de seguidas a discriminação relativa a vitimização ou perpetração de violência interpessoal, violência sexual e violência no namoro.

Tabela 17. *Percentagens relativas a estar presente ou não numa apresentação ou treino de Prevenção e Intervenção na Violência Sexual e no Namoro e ser perpetrador ou vítima de Violência Sexual, Violência no Namoro ou Violência Interpessoal.*

Programas de Violência Sexual e Violência no Namoro	Número de Participantes em cada programa de acordo com violência (%)						
	Total	Violência Sexual		Violência Interpessoal		Violência no Namoro	
		Vítima (n=5)	Perpetrador (n=2)	Vítima (n=57)	Perpetrador (n=30)	Vítima (n=42)	Perpetrador (n=29)
- Nenhum Programa.	52 (50%)	4 (7.7%)	1 (1.9%)	28 (53.8%)	10 (19.2%)	20 (38.5%)	9 (17.3%)
- Programa 1	36 (34.6%)	1 (2.8%)	1 (2.8%)	22 (61.1%)	17 (47.2%)	18 (50%)	17 (47.2%)
- Programa 2	4 (3.8%)	-	1 (25%)	2 (50%)	1 (25%)	2 (50%)	1 (25%)
- Programa 3	3 (2.9%)	-	-	1 (33.3%)	1 (33.3%)	1 (33.3%)	1 (33.3%)
- Programa 4	33 (31.7%)	-	1 (3%)	19 (57.6%)	16 (48.5%)	15 (45.5%)	16 (48.5%)

Assim, podemos verificar que os participantes que não participaram em qualquer programa apresentam uma taxa de 53.8% ao nível da vitimização na violência interpessoal, 38.5% na vitimização da violência no namoro, 19.2% na perpetração de violência interpessoal, 17.3% na perpetração de violência no namoro, 7.7% na vitimização de violência sexual e 1.9% na perpetração de violência sexual; os participantes no programa 1 apresentam taxas muito elevadas tanto de vitimização como perpetração de violência interpessoal e violência no namoro, com taxas superiores a 47.2%, mas apresentam baixas percentagens na violência sexual com 2.8% na vitimização e perpetração; no programa 2, os participantes apresentam valores de vitimização sexual e no namoro de 50%, perpetração de violência sexual, interpessoal e no namoro de 25% e 0% de vitimização sexual; no programa 3, são encontradas

taxas de 33.3% tanto para a perpetuação de violência no namoro e violência interpessoal como para a vitimização destas mesmas formas de violência; relativamente aos participantes do programa 4, a taxa de vitimização ou perpetração é sempre superior a 40%, havendo apenas uma taxa de 3.3% relativa a ser perpetrador de violência sexual (Tabela 17).

5. Discussão dos Resultados

A presente tese tem como objetivo avaliar o tema da violência sexual no contexto universitário português.

Relativamente às vítimas de violência sexual, podemos averiguar que as mulheres reportam uma maior percentagem de violência sexual comparativamente com os homens, sendo estes resultados consistentes com a literatura (e.g. Tjaden e Thoennes, 2000). No entanto, também seria de esperar que as vítimas se encontrassem tendencialmente no primeiro ano e não fossem heterossexuais, o que não aconteceu neste estudo. Relativamente à orientação sexual das vítimas, a população LGBTQ não poder ser considerada uma população de risco nesta dissertação, o que pode dever-se simplesmente ao facto de a maioria dos entrevistados serem heterossexuais (82.7%). De acordo com um estudo de Armstrong e Budnick (2015, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016) seria de esperar que entre 7 e 10% das mulheres universitárias experienciassem violação forçada fisicamente e que entre 14 e 26% experienciassem assalto sexual. No entanto, neste estudo, apenas 1.1% das mulheres afirma ter sido vítima de sexo não consentido forçado fisicamente e 5.6% das mulheres afirma ter sofrido violência sexual, sendo ambas as percentagens inferiores ao que tem vindo a ser encontrado na literatura.

Quanto aos perpetradores de violência sexual, neste estudo apenas foram encontrados dois perpetradores deste tipo de violência, sendo um do sexo feminino e outro do sexo masculino. Tendo em conta que segundo a literatura os perpetradores são na maioria do sexo masculino (e.g. Tjaden e Thoennes, 2000), tal não pode ser comprovado com esta investigação. Avaliando a relação entre o perpetrador e a vítima de violência sexual, podemos comprovar que em todos os casos a vítima conhecia o perpetrador, tal como os resultados que têm vindo a ser encontrados na literatura (e.g. Fisher et al., 1999, cit. por Banyard et al., 2007).

Apesar da percentagem de vitimização de violência sexual (4.8%) estar abaixo do que tem vindo a ser encontrado na literatura (e.g. Armstrong & Budnick, 2015, cit. por Ford & Soto-Marquez, 2016), a percentagem de vitimização de violência interpessoal é extremamente alta (54.8%), o que nos mostra a necessidade de não se focar apenas na violência sexual nos campus

universitários, mas também ter em conta o assédio sexual (24%), o *stalking* (8.7%) e, principalmente a violência no namoro, já que quase metade dos participantes já sofreu com este tipo de violência (40.4%), especialmente com a violência psicológica no namoro (39.4%).

Dos 3.8% participantes que afirmam ter sido magoados como resultado de atividades sexuais não consentidas podemos verificar que metade afirma que foi magoada fisicamente e outra metade afirma que foi magoada emocionalmente. De acordo com a literatura as consequências da violência sexual podem ver-se ao nível da saúde física, saúde mental e desempenho académico. No entanto, ao serem feitas perguntas mais específicas em relação às consequências, apenas uma das vítimas afirma ter tido consequências a nível académico (e.g. ser incapaz de entregar trabalhos ou entregar em atraso e ser incapaz de fazer exames ou fazê-los em atraso). No que diz respeito a falar com alguém sobre o sucedido, apenas uma das vítimas afirma ter falado com um amigo e ninguém denunciou o caso às autoridades, o que vai de acordo aos resultados encontrados nos estudos que têm vindo a ser feitos (e.g. Sloan, Fisher, & Cullen, 1997, cit. por Orchowski & Gidycz, 2015) e que pode ser reflexo da falta de confiança que os estudantes universitários têm nas autoridades, duvidando muitas vezes que acreditem neles ou que os culpabilizem pelo sucedido. Se tivermos em foco as consequências da agressão física por um parceiro, conseguimos observar que apenas uma das categorias das consequências não é referida por nenhum participante (“Faltou às aulas ou ao trabalho como resultado de ter sido agredida(o) ou magoada(o) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?”), o que pode mostrar a maior necessidade de nos focarmos na violência no namoro nesta população, até porque a vitimização neste tipo de violência é claramente superior nesta amostra, tal como já referimos anteriormente.

Relativamente ao consumo de álcool, a maioria dos participantes nunca bebeu mais de cinco bebidas alcoólicas seguidas no último mês (59%), sendo que 31% dos estudantes universitários afirmaram tê-lo feito pelo menos em 1 dia no último mês, o que está acima dos resultados encontrados na literatura (Substance Abuse and Mental Health Services Administration, 2013, cit. por Thompson, 2017). Ao relacionar este facto de beber excessivamente no último mês com o facto de ser perpetrador ou vítima de violência sexual não foi encontrada qualquer associação significativa entre as variáveis, como seria de esperar (e.g. Hayes, Abbott & Cook, 2016). No entanto, há que salientar que os dois perpetradores de violência sexual e 4 das 5 vítimas de violência sexual afirmaram que tinham bebido excessivamente entre 1 e 2 dias do último mês.

Dos participantes que estiverem sob o efeito de drogas porque alguém colocou uma droga na sua bebida, podemos ver que todos os participantes afirmam ter sofrido consequências negativas (33.3% teve perda de memória e 66.7% afirma ter sido magoado fisicamente), tal como aconteceu no estudo de Swan e colaboradores (2016) em que 81.4% das vítimas afirmou ter tido pelo menos uma consequência negativa. Apesar de nesta investigação a maioria dos participantes ter dito que não sabia a razão de terem colocado droga na sua bebida (66.7%), 33.3% afirma que o fizeram por diversão e, Swan e colaboradores (2016), propuseram que diversão poderia querer dizer indiretamente sexo. No entanto, nesta investigação ninguém afirmou ter tido relações não consentidas como resultado de terem posto droga na sua bebida. Relativamente ao facto de ser perpetrador de violência sexual por a vítima estar demasiado drogada ou alcoolizada para dar o seu consentimento, 1% dos participantes afirmou que o tinha feito, mas podemos ver que não se deveu ao facto de ter colocado droga na bebida da vítima, já que ninguém respondeu positivamente a essa questão nesta investigação.

A literatura acerca da aceitação dos mitos da violação tem sugerido que esta aceitação é habitualmente baixa entre os estudantes universitários, que os homens tendem a aceitar mais do que as mulheres, que os estudantes com normas de género mais tradicionais tendem a aceitar mais do que os estudantes com normas de género liberais e que à medida que os estudantes avançam na sua educação académica menor será aceitação dos mitos de violação (Suarez & Gadalla, 2010; Navarro & Tewksbury, 2017). Todas estas hipóteses foram confirmadas com este estudo, na medida em que: a aceitação dos mitos de violação é baixa (varia de 1 a 4, sendo 4 o maior nível de aceitação dos mitos de violação, e a média nesta amostra é de 1.456); os homens aceitam mais os mitos do que as mulheres; os estudantes que mais aceitam as afirmações relativas à discriminação das mulheres, que foram considerados estudantes com normas de género mais tradicionais, tendem a aceitar mais os mitos da violação do que os estudantes com níveis mais baixos de discriminação; os estudantes aceitam menos os mitos à medida que avançam na carreira universitária, apesar de outra investigação ter mostrado que esta redução seria mais notória nos homens (Gorbett, 2006, cit. por Navarro & Tewksbury, 2017) e tal não se verificou neste estudo; e, por fim, relativamente à religiosidade, foi encontrado que quanto maior o nível de religiosidade, maior será a aceitação dos mitos de violação. Esta última associação também foi encontrada no estudo de Navarro e Tewksbury (2017), apesar de a literatura ainda relatar resultados controversos relativamente à associação destas duas variáveis.

Os programas de Prevenção e Intervenção da Violência Sexual e Violência no namoro ainda são muito pouco comuns. Podemos observar nesta amostra que a maioria dos participantes nunca ouviu nenhuma apresentação sobre o tema na sua universidade (66%) ou antes de frequentar a sua universidade (68%), 8.7% ouviu falar sobre um programa de Intervenção e Prevenção do Assalto e Violência Sexual na sua universidade e 3.9% ouviu a palestra *Green Dot*. Dados os resultados positivos que o palestra *Green Dot* tem vindo a mostrar nos Estados Unidos (e.g. Coker et al., 2014), parece-nos importante trazer este programa para Portugal e observar a sua eficácia na nossa população. No que diz respeito à eficácia destes programas podemos ter em conta o número de comportamentos ativos de “*bystander*” auto-reportados e o número destes comportamentos que foram observados (Coker et al., 2011), bem como a perpetração ou vitimização de violência sexual sabendo que participaram nos programas. Assim, seria de esperar que a participação nestes programas significasse um maior número destas duas situações, mas só foi encontrado que o facto de ter ouvido alguma apresentação sobre o tema na universidade estava relacionado com um maior número de observação de comportamentos de “*bystander*”.

Ao comparar as percentagens de participantes de cada programa de prevenção e intervenção na violência sexual e no namoro que foram perpetradores e vítimas de violência sexual, violência no namoro e violência interpessoal com as percentagens destas mesmas variáveis nos indivíduos que não estiveram presentes em qualquer programa, levam-nos a crer que os programas apresentados só estão a obter algum resultado relativamente ao nível da violência sexual, mas como não existem muitos participantes que afirmem ter sido vítimas (n=5) ou perpetradores (n=2) de violência sexual nestes estudo, também não conseguimos chegar a conclusões significativas relativamente à eficácia destes mesmos programas. No entanto, ao nível da violência interpessoal e violência no namoro, os programas não parecem ter tido quaisquer resultados significativos, apresentando por vezes uma maior percentagem de perpetradores ou vítimas que participaram em algum dos programas, comparativamente com os que não participaram em qualquer programa (e.g. a percentagem de perpetradores de violência no namoro relativa aos participantes que não estiveram em nenhum programa é de 17.3%, e nos que ouviram alguma apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual enquanto estudantes da universidade é de 47.2%). Apesar de, segundo a literatura, só esperarmos algum tipo de resultados mais positivos relativamente à palestra *Green Dot* e do Treino para educar e empoderar os estudantes a desenvolver segurança (Coker et. al., 2011), também deveria ser de esperar que as apresentações que os estudantes

ouvem enquanto universitários ou mesmo antes da universidade tivessem alguma influência positiva ao nível da violência sexual e no namoro. Relativamente à palestra *Green Dot* e ao Treino não conseguimos tirar conclusões significativas, já que apenas 4 e 3 indivíduos desta amostra participaram em cada um destes tipos de programa, respectivamente. Isto pode querer dizer que estes dois programas não estão a ser aplicados em Portugal ou que simplesmente os estudantes não têm conhecimento da existência destes programas.

6. Considerações Finais

Como principal objetivo neste estudo, procurou-se observar as taxas de vitimização e de perpetração da violência sexual no campus universitário português, tentando identificar quais os fatores de risco, quais as consequências deste tipo de violência e quais os programas de prevenção e intervenção da violência em que os estudantes têm vindo a participar. Com estas informações, pretendia-se contribuir para o estudo do tema em Portugal, mas também sensibilizar a comunidade para a presença deste fenómeno.

A violência, independentemente do seu tipo, é inaceitável, principalmente numa instituição que deveria criar um ambiente de segurança. A violência sexual no campus universitário existe no nosso país e não podemos agir como se nada estivesse a acontecer, até mesmo porque os números elevados de vítimas de violência interpessoal e, especificamente, de violência no namoro são preocupantes.

Há que criar novos programas de prevenção e intervenção que sejam mais eficazes e há que implementá-los o mais cedo possível, fazendo com que todos os jovens tenham a informação necessária para se protegerem a si mesmos e aos que os rodeiam da violência. As medidas que têm parecido mais eficazes na redução da violência sexual são os programas que ensinam os jovens a reconhecer as situações de violência e como podem agir de forma segura no caso de serem vítimas ou apenas observarem alguém que seja vítima. Estes programas que já têm vindo a ser implementados a nível internacional, poderiam ser uma mais valia em Portugal, já que com os resultados desta dissertação conseguimos entender que poucos estudantes universitários têm realmente acesso a algum tipo de programa de prevenção, que não seja apenas uma palestra que assistiram pontualmente. Parece assim urgente estudar este tema de forma mais séria e mais completa para se proporem as medidas legislativas e educativas necessárias para reduzir a violência nas universidades ao máximo.

De forma ideal, os programas deveriam ser apenas de carácter preventivo, focando-se no agressor, e não focar-se apenas na vítima e na forma de reagir após a situação de violência já ter acontecido. O facto de as vítimas serem culpabilizadas e de acreditarem que não vão ser ajudadas pelas figuras de autoridade fazem com que as vítimas condicionem as suas escolhas, seja quanto ao facto de estarem presentes em festas e irem sozinhas para casa, como à forma como se vestem.

6.1. Limitações

A primeira limitação diz respeito ao facto de o tema ainda não ter sido suficientemente estudado em Portugal. A maioria dos estudos em Portugal sobre violência sexual têm como foco os adolescentes ou os adultos no geral, nunca se focando exclusivamente nos estudantes universitários. Este facto faz-nos querer acreditar que Portugal ainda está muito pouco sensível ao assunto, mesmo após a publicação de um estudo realizado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) relativamente à violência sexual no contexto académico numa população de estudantes da Universidade de Coimbra e Instituto Politécnico de Coimbra, que revelou que, nas mulheres estudantes, 94.1% já foram vítimas de assédio sexual, 21.7% foram vítimas de coerção sexual, 12.3% já foram vítimas de violação (Flor, 2018) e do movimento “#MeToo” que tem vindo a crescer pelo mundo inteiro, com cada vez mais mulheres a afirmarem que tinham sofrido assédio sexual ou violência sexual. Para além disto, podemos observar as leis em Portugal e verificar que nem todos os casos de assalto sexual são considerados crime e, que os institutos de ensino superior ainda não têm nenhuma norma em vigor relacionada com o assalto sexual nas suas próprias instalações.

A segunda limitação refere-se ao facto de o instrumento ter sido colocado na internet, o que limitou a amostra às pessoas que têm forma de utilizar este meio. No entanto, dado que a maioria dos jovens que se encontram no ensino universitário têm algum meio para utilizar a internet, penso que a amostra possa ser representativa. No entanto, também podemos considerar que a internet foi um meio facilitador, já que este tema ainda é visto como algo constrangedor e desconfortável para partilhar, promovendo respostas mais verdadeiras por parte dos participantes e dando-lhes o tempo necessário para refletirem em relação às suas respostas.

Como terceira limitação, consideramos a dimensão do questionário que é constituído por 120 itens. Esta dimensão tornou muito complicada a obtenção de questionários completos, havendo muitos *drop outs*, mas também dificultou a procura de indivíduos dispostos a

responder ao questionário. Para além disso, consideramos que o facto de o questionário ser tão longo, pode ter feito com que alguns participantes não respondessem da forma mais verdadeira e reflexiva possível, o que pode ter influenciado os resultados obtidos. Sugiro assim, que se este questionário for utilizado novamente seja aplicado por partes, permitindo aos participantes ter tempo para refletir e responder o mais seriamente possível.

Para além destas limitações, o facto de a amostra ser recolhida com o método *snowball* pode significar que as percentagens de vitimização e perpetração de violência interpessoal não sejam representativas da população de estudantes universitários portugueses, já que este método limitou a amostra essencialmente a residentes de Lisboa.

6.2. Estudos Futuros

Seria de esperar que o facto de ter sido pessoalmente afetado pela violência sexual e no namoro estivesse relacionado com o facto de participar em algum dos programas, mas tal não aconteceu neste estudo. Talvez pelo facto de existir pouca oferta deste tipo de programas em Portugal, principalmente nos locais de ensino, sendo necessário procurar associações paralelas para poder participar em algum deste tipo de programas. Assim, poderíamos explicar o facto de não ser encontrada nenhuma relação, com a possibilidade de os estudantes não saberem nem como nem onde procurar informações acerca do tema, por terem receio de algum tipo de estigma, ou por quererem simplesmente lidar com a situação sozinhos. O que nos faz parecer importante que seja procurada a razão de os estudantes universitários nunca terem tomado parte de nenhum deste tipo de programas, se está apenas relacionado com a falta de oferta no seu campus universitário, ou se tem a ver com alguma explicação pessoal.

O questionário utilizado neste estudo não inclui todas os pontos necessários para avaliar a existência de assalto sexual, uma vez que não avalia a tentativa de ter relações sexuais não consentidas nem a existência de contatos sexuais indesejados. Assim, seria necessário criar um questionário que incluísse todos os pontos referentes ao assalto sexual, permitindo avaliar este constructo nos estudantes universitários portugueses da maneira mais completa possível.

Concluindo, parece importante continuar a investigar o tema da violência sexual e no namoro em Portugal, com amostras de maior dimensão e que possam representar o país inteiro. Com isto, recomenda-se também a investigação mais aprofundada sobre os programas de prevenção e intervenção na violência sexual e no namoro aplicados em Portugal, tanto no ensino

secundário como no ensino superior, bem como a investigação sobre o tipo de programas que tem vindo a ser aplicados no resto do mundo.

7. Referência Bibliográficas:

- Banyard, V. L., Ward, S., Cohn, E. S., Plante, E. G., Moorhead, C., & Walsh, W. (2007). Unwanted Sexual Contact on Campus: A Comparison of Women's and Men's Experiences. *Violence and Victims*, 22, 53-71.
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141-163.
- Coker, A. L., Bush, H. M., Fisher, B. S., Swan, S. C., Williams, C. M., Clear, E. R., & DeGue, S. (2016). Multi-college bystander intervention evaluation for violence prevention. *American journal of preventive medicine*, 50(3), 295-302.
- Coker, A. L., Cook-Craig, P. G., Williams, C. M., Fisher, B. S., Clear, E. R., Garcia, L. S., & Hegge, L. M. (2011). Evaluation of Green Dot: An Active Bystander Intervention to Reduce Sexual Violence on College Campuses, *Violence Against Women*, 17(6), 777-796, Sage Publications.
- Coker, A. L., Fisher, B. S., Bush, H. M., Swan, S. C., Williams, C. M., Clear, E. R., DeGue, S., (2014) Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses, *Violence Against Women*, 1-21, Sage Publications.
- Davies, M., & Rogers, P. (2006). Perceptions of male victims in depicted sexual assaults: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 11(4), 367-377.
- Brunt, B. V., Murphy, A., & O'Toole, M. E. (2015). The Dirty Dozen: Twelve Risk Factors for Sexual Violence on College Campuses (DD-12). *Violence and Gender*, 2(3).
- Fedina, L., Holmes, J. L., & Backes, B. L. (2016). Campus sexual assault: A systematic review of prevalence research from 2000 to 2015. *Trauma, violence, & abuse*, 19(1), 76-93.
- Hayes, R. M., Abbott, R. L., & Cook, S. (2016). It's her fault: Student acceptance of rape myths on two college campuses. *Violence against women*, 22(13), 1540-1555.
- Marôco, J. & Bispo, R. (2005) Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Climepsi Edições.
- Martin, S. L., Fisher, B. S., Warner, T. D., Krebs, C. P., & Lindquist, C. H. (2011). Women's Sexual Orientations And Their Experiences Of Sexual Assault Before And During University. *Women's Health Issues*, 21(3), 199-205.

- McMahon, S. (2010). Rape myth beliefs and bystander attitudes among incoming college students. *Journal of American college health*, 59(1), 3-11.
- Navarro, J. C., & Tewksbury, R. (2017). Mythbusters: Examining Rape Myth Acceptance Among U.S. University Students. *Journal of Student Affairs Research and Practice*, 54(4), 343–356.
- Swan, S. C., Lasky, N. V., Fisher, B. S., Woodbrown, V. D., Bonsu, J. E., Schramm, A. T., Warren, P. R., Coker, A. L., & Williams, C. M. (2016). Just a dare or unaware? Outcomes and motives of drugging (“drink spiking”) among students at three college campuses. *Psychology of Violence*, 7(2), 253-264.
- Stotzer, R. & MacCartney, D. (2015). The Role of Institutional Factors on On-Campus Reported Rape Prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-21.
- Suarez, E. & Gadalla, T. M. (2010). Stop Blaming the Victim: A Meta-Analysis on Rape Myths. *Journal of Interpersonal Violence* 25(11):2010–2035.
- Sweeney, B. N. (2011). The Allure of the Freshman Girl: Peers, Partying, and the Sexual Assault of First-Year College Women. *Journal of College and Character*, 12(4).
- Thompson, W. E. (2017) Social Support, Religious Involvement and Alcohol Use among Students at a Conservative Religious University. *Behavioral Sciences*, 7(2), 34.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). *Full report of the prevalence, incidence, and consequences of violence against women: Findings from the violence against women survey*. Washington, DC: U.S. Department of Justice.
- Turchik, J. A. (2012). Sexual Victimization Among Male College Students: Assault Severity, Sexual Functioning, and Health Risk Behaviors. *Psychology of Men & Masculinity*, 13(3), 243-255.

Relatórios

APAV (2017). Estatísticas APAV: Crimes Sexuais em 2013-2016. Recuperado em 11 de Dezembro de 2018, de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_CrimesSexuais_2013-2016.pdf

Código Penal (2017). Recuperado em 17 de Julho de 2019, de <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/107981223/201708230300/73474071/diploma/indice>

Flor, A. (2018, 23 de Maio). Uma em cada cinco universitárias já sentiu algum tipo de pressão sexual. *Público*. Recuperado em 12 de Dezembro de 2018, de <https://www.publico.pt/2018/05/23/sociedade/noticia/uma-em-cada-seis-situacoes-de-coercao-sexual-acontece-em-contexto-academico-1831180>

Rape Abuse and Incest National Network (2018). Sexual Assault. Recuperado em 12 de Dezembro de 2018, de <https://www.rainn.org/articles/sexual-assault>

8. Anexos

8.1. Anexo A: Questionário sobre a Violência Interpessoal nos estudantes do Ensino Superior

Este estudo enquadra-se num projeto de dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Universitário e tem como objetivo examinar a violência interpessoal nos estudantes do ensino superior, procurando saber como prevenir a violência no namoro e a violência sexual entre pares nas universidades portuguesas. O estudo destina-se a estudantes que estejam a frequentar o ensino superior em Portugal. Se alguma das questões o/a deixar incomodado/a por alguma razão, pode optar por não responder. Este questionário é totalmente confidencial, anónimo e o seu preenchimento é voluntário. Deste modo, gostaria de pedir a sua disponibilidade para o seu preenchimento que demora cerca de 25 minutos.

Obrigada pela sua participação!

Rita Fernandes

Se quiser obter mais informação, não hesite em contactar: 23383@alunos.ispa.pt

1. Quer responder a este questionário agora?

Sim Não

Questões Sócio-Demográficas

2. Que idade tem?

17 ou menos 18 19 20 21 22 23 24 25 ou mais

3. Que ano frequenta no ensino superior?

1º ano 2º ano 3º ano 4º ano 5º ano

Outro, por favor especifique _____

4. Qual é o seu sexo?

Masculino Feminino

5. Qual a sua nacionalidade? _____

6. Qual o grau escolar mais elevado que a sua mãe completou?

Ensino básico Ensino Secundário Ensino Profissional Licenciatura

Mestrado Doutoramento

7. Qual o grau escolar mais elevado que o seu pai completou?

Ensino básico Ensino Secundário Ensino Profissional Licenciatura

Mestrado Doutoramento

8. As pessoas são diferentes relativamente à sua atração sexual por outras pessoas. Qual destas opções descreve melhor os seus sentimentos?

- Somente atraída(o) por mulheres.
- Na maioria das vezes atraída(o) por mulheres.
- Iguamente atraída(o) por mulheres e homens.
- Na maioria das vezes atraída(o) por homens.
- Somente atraída(o) por homens.
- Não tenho a certeza.

9. Qual destas opções descreve melhor a sua situação quanto a relacionamentos? Por “relacionamentos” referimo-nos a qualquer situação que varie entre encontros casuais e uma relação comprometida, incluindo: curtir com alguém, fazer algo sexual com alguém, ter uma relação aberta em que também se encontra com outras pessoas, sair com alguém, ter uma relação comprometida com um namorado ou uma namorada, viver com um namorado ou namorada.

- Encontro casual, sem estar numa relação comprometida
- Fazer algo sexual com alguém, sem estar numa relação comprometida
- De momento não estou a ter nenhum tipo de relacionamento, mas estive em algum tipo de relacionamento desde o início do ano letivo
- De momento não estou a ter nenhum tipo de relacionamento, mas estive em algum momento do passado (antes do início do ano letivo)
- Estou numa relação comprometida com o meu namorado ou namorada, mas não vivemos juntos
- Estou a viver com o meu namorado ou namorada, ou estou casada
- Nenhuma das opções anteriores

B. As questões que se seguem dizem respeito a situações que podem ter ocorrido consigo. Desde o início do ano letivo, quantas vezes temeu pela sua segurança pessoal devido à ocorrência das seguintes situações?

1. Alguém apareceu no local onde vive, trabalha ou estuda, quando não o queria?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Quem fez isto?

- O/A meu/minha parceiro(a) atual O/A meu/minha parceiro(a) anterior
- Um(a) amigo(a) Um(a) conhecido(a) Um(a) estranho(a)

3. Recebeu chamadas, prendas, e-mails, mensagens ou notas/fotos publicadas em redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram) indesejados?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. Quem fez isto?

- O/A meu/minha parceiro(a) atual O/A meu/minha parceiro(a) anterior
- Um(a) amigo(a) Um(a) conhecido(a) Um(a) estranho(a)

5. Alguém publicou em redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram) ou enviou e-mails, mensagens ou voicemails com comentários maldosos, insultuosos ou humilhantes acerca de si.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

6. Quem fez isto?

- O/A meu/minha parceiro(a) atual O/A meu/minha parceiro(a) anterior
 Um(a) amigo(a) Um(a) conhecido(a) Um(a) estranho(a)

Desde o início do ano letivo, quantas vezes alguém fez isto:

1. Alguém fez gestos, comentários rudes ou utilizou linguagem corporal de teor sexual para a(o) embarçar ou aborrecer?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Alguém a/o convidou constantemente para sair ou para se encontrarem apesar de já ter dito “Não”?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

Às vezes, as pessoas poderão colocar drogas na bebida de outras pessoas (por exemplo, pôr Xanax na bebida de outra pessoa). Chamamos a isto drogar. Por vezes, o ato de drogar é feito sem o seu conhecimento. Quando isto acontece, consome uma bebida que foi drogada sem você saber que a droga está lá.

1. Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes suspeita ou sabe que alguém colocou droga na sua bebida SEM o seu conhecimento?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Onde aconteceu isto? (Escolha todas as opções que se adequam)

- Num bar Numa discoteca Numa Residência Universitária
 Numa casa ou apartamento
 Noutro local, por favor especifique _____

3. Quem colocou droga na sua bebida?

- O/A meu/minha parceiro(a) atual O/A meu/minha parceiro(a) anterior
 Um(a) amigo(a) Um(a) conhecido(a) Um(a) estranho(a)
 Não sei quem possa ter feito isto

4. Se conhece quem fez isto, qual o género da pessoa?

- Não sei Masculino Feminino

5. Quais foram as consequências para si? (Escolha todas as opções que se adequam)

- Gostei disso; Diverti-me *Blacked out/* perda de memória

- Fiquei doente fisicamente Experimentei contato sexual indesejado
 Fui magoada(o) fisicamente (por exemplo, bateram-me, deram-me bofetadas, espancaram-me) Forçaram-me a ter relações sexuais
 Outra, por favor especifique _____

6. Como responderam as outras pessoas quando você estava sob o efeito de drogas?

7. Porque acha que alguém colocou droga na sua bebida?

8. Há mais alguma coisa que nos possa dizer acerca do momento em que foi drogada(o)?

9. Recebeu alguns cuidados médicos quando estava sob o efeito de drogas?

- Sim Não

10. Por favor, descreva o local em que recebeu cuidados médicos e o que aconteceu.

As questões seguintes são sobre atividades sexuais não consentidas que poderá ter experienciado. Com atividade sexual não consentida referimo-nos ao toque em áreas privadas do corpo, sexo oral ou anal, ou relações sexuais que você não queria/não desejava. Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes:

1. Teve atividades sexuais não consentidas com alguém porque ameaçaram terminar a relação se não o fizesse, ou por se ter sentido pressionada(o) pelos argumentos ou suplícios do outro?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Quem fez isto?

- O/A meu/minha parceiro(a) atual O/A meu/minha parceiro(a) anterior
 Um(a) amigo(a) Um(a) conhecido(a) Um(a) estranho(a)

Desde o ano letivo anterior, quantas vezes você:

1. Teve atividades sexuais não consentidas com alguém porque estava demasiado bêbada(o) ou sob o efeito de drogas e não o(s)/a(s) conseguiu parar?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Quem fez isto?

- O/A meu/minha parceiro(a) atual O/A meu/minha parceiro(a) anterior
 Um(a) amigo(a) Um(a) conhecido(a) Um(a) estranho(a)

3. Teve atividades sexuais não consentidas porque a outra pessoa ameaçou usar ou usou força física (torcer o braço, imobilizá-la(o) no chão, etc)

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. Quem fez isto?

- O/A meu/minha parceiro(a) atual O/A meu/minha parceiro(a) anterior
 Um(a) amigo(a) Um(a) conhecido(a) Um(a) estranho(a)

5. Já foi magoada(o) como resultado de atividades sexuais não consentidas?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

6. Por favor, diga-nos como foi magoada(o) por causa de atividade sexual não consentida.

- Fui fisicamente magoada(o)
 Fui emocionalmente magoada(o)
 Outro, por favor especifique _____

A atividade sexual não consentida foi tão assustadora, horrível ou perturbadora, que você:

1. Teve pesadelos sobre isso ou pensou sobre isso quando não o queria?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

2. Tentou arduamente não pensar nisso ou alterou a sua vida para evitar situações que a(o) lembrassem disso?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

3. Esteve constantemente em guarda, vigilante ou em sobressalto?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

4. Sentiu-se apática(o) ou desligada(o) dos outros, de atividades ou do ambiente que a(o) rodeia?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

5. Como resultado da atividade sexual não consentida, falou com um amigo, familiar, conselheiro, linha de apoio, procurou ajuda online, procurou cuidados médicos ou ligou para a polícia?

- Falei com um(a) amigo(a)

- Falei com um familiar
- Falei com um orador da residência da universidade
- Falei com um advogado de vítimas
- Falei com um conselheiro, terapeuta ou outro técnico da saúde mental
- Contatei a Intervenção em Casos de Abuso Sexual e violência
- Procurei ajuda online
- Contatei os serviços de saúde do estudante da universidade
- Procurei cuidado médico fora do campus universitário
- Liguei para uma linha de apoio
- Liguei para a polícia

6. Faltou às aulas ou ao trabalho como resultado das atividades sexuais não consentidas?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

7. Entregou trabalhos ou fez exames atrasados, ou foi incapaz de completar os trabalhos ou fazer os exames devido a atividades sexuais não consentidas?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

8. As suas notas pioraram por causa das atividades sexuais não consentidas?

- Sim Não

9. Pensou em deixar a sua universidade por causa das atividades sexuais não consentidas?

- Sim Não

10. Já esteve grávida ou engravidou alguém?

- Sim Não Não sei

Desde o início do ano letivo anterior, VOCÊ fez alguma das seguintes coisas a alguém em que pudesse estar interessado romanticamente agora, ou no passado:

1. Apareceu no local em que alguém vive, trabalha ou estuda sem eles quererem que o fizesse?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Fez chamadas, enviou e-mails, mensagens, ou prendas, ou publicou comentários/fotos em redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram) indesejados?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior Escolho não responder

3. Você publicou em redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram) ou enviou e-mails, mensagens ou voicemails com comentários maldosos, insultuosos ou humilhantes acerca de alguém.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes isto aconteceu com algum parceiro atual ou anterior? Por parceiro(a), referimo-nos a marido/mulher atual ou anterior, namorado(a), parceiro de encontros ou alguém com quem tenha estado romanticamente ou sexualmente envolvido(a).

1. O/A meu/minha parceiro(a) berrou comigo, gritou comigo, insultou-me ou ofendeu-me/chamou-me nomes.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. O/A meu/minha parceiro(a) publicou em redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram) ou enviou e-mails, mensagens ou voicemails com comentários maldosos, insultuosos ou humilhantes acerca de mim.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

3. O/A meu/minha parceiro(a) ameaçou bater-me, atirar-me algo ou magoou-me fisicamente de algum modo.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. O/A meu/minha parceiro(a) destruiu algo que me pertencia de propósito.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

5. O/A meu/minha parceiro(a) tentou controlar-me tentando saber sempre como estou, dizendo-me quem podem ser os meus amigos ou dizendo-me o que posso e quando posso fazer algo.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

6. O/A meu/minha parceiro(a) empurrou-me ou deu-me um encontrão.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

7. O/A meu/minha parceiro(a) atirou-me algo que me podia ter magoado.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

8. O/A meu/minha parceiro(a) deu-me um murro ou bateu-me.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

9. O/A meu/minha parceiro(a) usou uma faca, arma ou algum objeto que me podia ter

magoado.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

10. O/A meu/minha parceiro(a) escondeu, estragou ou deitou fora o meu método contraceptivo para me impedir de o utilizar.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

11. O/A meu/minha parceiro(a) recusou-se a utilizar preservativo ou outro tipo de proteção quando eu queria que ele/ela o utilizasse.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

12. O/A meu/minha parceiro(a) disse-me “Tu queres que nós usemos contraceptivos, preservativos ou outra proteção para poderes dormir com outras pessoas.” ou algo similar.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

13. O/A meu/minha parceiro(a) disse-me “Se tivermos um bebé, nunca terás de te preocupar com o facto de eu te deixar. Estarei sempre aqui.” ou algo similar.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

14. O/A meu/minha parceiro(a) forçou-me a ter sexo sem usar método contraceptivo, preservativos ou outra proteção.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

15. Já foi agredida(o) fisicamente ou magoada(o) por um parceiro(a)?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

Ter sido agredida(o) ou magoada(o) fisicamente pelo sua/seu parceira(o) foi tão assustador, horrível ou perturbador que:

1. Teve pesadelos sobre isso ou pensou sobre isso quando não o queria?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

2. Tentou arduamente não pensar nisso ou alterou a sua vida para evitar situações que a(o) lembrassem disso?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

3. Esteve constantemente em guarda, vigilante ou em sobressalto?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

4. Sentiu-se apática(o) ou desligada(o) dos outros, de atividades ou do ambiente que a(o) rodeia?

- Não Sim, desde o início do ano letivo anterior
 Sim, mas não desde o ano letivo anterior

Desde o início do ano letivo anterior:

1. Como resultado de ter sido agredido(a) ou magoado(a) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a), falou com um amigo, familiar, conselheiro, linha de apoio, procurou ajuda online, procurou cuidados médicos ou ligou para a polícia?

- Falei com um(a) amigo(a)
 Falei com um familiar
 Falei com um orador da residência da universidade
 Falei com um advogado de vítimas
 Falei com um conselheiro, terapeuta ou outro técnico da saúde mental
 Contatei a Intervenção em Casos de Abuso Sexual e violência
 Procurei ajuda online
 Contatei os serviços de saúde do estudante da universidade
 Procurei cuidado médico fora do campus universitário
 Liguei para uma linha de apoio
 Liguei para a polícia

2. Faltou às aulas ou ao trabalho como resultado de ter sido agredido(a) ou magoado(a) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

3. Entregou trabalhos ou fez exames atrasados, ou foi incapaz de completar os trabalhos ou fazer os exames devido a ter sido agredido(a) ou magoado(a) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. As suas notas pioraram por ter sido agredido(a) ou magoado(a) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?

- Sim Não

5. Pensou em deixar a sua universidade por causa de ter sido agredido(a) ou magoado(a) fisicamente pelo(a) seu/sua parceiro(a)?

- Sim Não

Desde o início do ano letivo anterior, VOCÊ fez alguma das seguintes coisas com um(a) parceiro(a) atual ou anterior? Por parceiro(a), referimo-nos a marido/mulher atual ou anterior, namorado(a), parceiro de encontros ou alguém com quem tenha estado romanticamente ou sexualmente envolvido(a).

1. Eu gritei, insultei ou ofendi/chamei nomes ao/à meu/minha parceiro(a).

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Eu publiquei em redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram) ou enviou e-mails, mensagens ou voicemails com comentários maldosos, insultuosos ou humilhantes acerca do(a) meu/minha parceiro(a).

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

3. Eu ameacei bater, atirar algo ou magoar fisicamente de algum modo o/a meu/minha parceiro(a).

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. Eu destruí algo que pertencia ao/à meu/minha parceiro(a) de propósito.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

5. Eu tentei controlar o/a meu/minha parceiro(a) tentando saber sempre como estava, dizendo-lhe quem podiam ser os meus amigos ou dizendo-lhe o que podia e quando posso fazer algo.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

Desde o início do ano letivo anterior, VOCÊ fez alguma das seguintes coisas com um(a) parceiro(a) atual ou anterior? Por parceiro(a), referimo-nos a marido/mulher atual ou anterior, namorado(a), parceiro de encontros ou alguém com quem tenha estado romanticamente ou sexualmente envolvido(a).

1. Eu atirei algo ao(à) meu/minha parceiro(a) que o/a podia ter magoado.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Eu empurrei ou o(a) meu/minha parceiro(a).

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

3. Eu dei um murro ou bati na(o) minha/meu parceira(o).

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. Eu usei uma faca, arma ou algum objeto que podia ter magoado a minha/meu parceira(o).

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes VOCÊ:

1. Fez gestos, comentários rudes ou utilizou linguagem corporal de teor sexual para embaraçar ou aborrecer alguém?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior Escolho não responder

2. Convidou constantemente alguém para sair ou para se encontrarem apesar de já ter dito “Não”?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior Escolho não responder

3. Teve atividades sexuais não consentidas com alguém quando essa pessoa não o queria porque você ameaçou terminar a relação se ela(ele) não o fizesse, ou pressionou-a(o) com argumentos e suplícios?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior Escolho não responder

4. Teve atividades sexuais não consentidas com alguém quando essa pessoa não o queria porque ele(a) estava demasiado bêbada(o) ou drogada(o)?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior Escolho não responder

5. Teve atividades sexuais não consentidas com alguém quando essa pessoa não queria porque você ameaçou utilizar ou utilizou força física (torcer o braço, mantê-los em baixo, etc)?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior Escolho não responder

6. Você ou alguém que conhece alguma vez colocou droga na bebida de outra pessoa sem ela saber?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior Escolho não responder

7. Se você ou alguém que conhece alguma vez colocou droga na bebida de outra pessoa sem ela saber, qual foi a razão para o ter feito?

8. Qual era o género da pessoa que colocou droga na bebida de outra pessoa?

- Não sei
 Masculino
 Feminino

9. Que droga ou drogas foram usadas? (Escolha todas as opções que se aplicam)

- Xanax Rohypnol GHB/Ecstasy líquido Quetamina Cocaína
 Ecstasy Metanfetaminas Difenidramina Não sei
 Outra, por favor especifique _____

10. Onde aconteceu isto? (Escolha todas as opções que se aplicam)

- Num bar Numa discoteca Numa residência Numa casa ou apartamento
 Outro, por favor especifique _____

11. Você ou alguém que você conhece fez algo sexual com esta pessoa?

- Sim Não

Se você ou alguém que você conhece alguma vez pôs droga na bebida de outra pessoa sem ela saber, por favor fale-nos da PRIMEIRA VEZ em que isto aconteceu.

1. Qual foi a razão para colocar droga na bebida de outra pessoa?

2. Qual era o gênero da pessoa que colocou droga na bebida de outra pessoa?

- Não sei
 Masculino
 Feminino

3. Que droga ou drogas foram usadas? (Escolha todas as opções que se aplicam)

- Xanax Rohypnol GHB/Ecstasy líquido Quetamina Cocaína
 Ecstasy Metanfetaminas Difenidramina Não sei
 Outra, por favor especifique _____

4. Onde aconteceu isto? (Escolha todas as opções que se aplicam)

- Num bar Numa discoteca Numa residência Numa casa ou apartamento
 Outro, por favor especifique _____

5. Você ou alguém que você conhece fez algo sexual com esta pessoa?

- Sim Não

Se você ou alguém que você conhece alguma vez pôs droga na bebida de outra pessoa sem ela saber, por favor fale-nos situação MAIS RECENTE em que isto aconteceu.

1. Qual foi a razão para colocar droga na bebida de outra pessoa?

2. Qual era o gênero da pessoa que colocou droga na bebida de outra pessoa?

- Não sei
 Masculino
 Feminino

3. Que droga ou drogas foram usadas? (Escolha todas as opções que se aplicam)

- Xanax Rohypnol GHB/Ecstasy líquido Quetamina Cocaína
 Ecstasy Metanfetaminas Difenidramina Não sei
 Outra, por favor especifique _____

4. Onde aconteceu isto? (Escolha todas as opções que se aplicam)

- Num bar Numa discoteca Numa residência Numa casa ou apartamento
 Outro, por favor especifique _____

5. Você ou alguém que você conhece fez algo sexual com esta pessoa?

- Sim Não

A seção seguinte é sobre palestras, treinos ou aulas sobre a violência no namoro e a violência sexual.

1. Enquanto estudante da sua universidade, alguma vez ouviu uma apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual?

- Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, mais de duas vezes Não
 Escolho não responder

2. Qual foi a apresentação ou treino sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual que ouviu?

- Um orador falou numa aula de licenciatura da minha universidade
 Um orador falou numa das minhas outras aulas
 Um orador falou na minha residência ou organização de estudantes
 Eu ouvi outras apresentações ou treinos sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual para além das referidas acima

3. Quando ouviu a apresentação sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual? Se ouviu mais do que uma vez, quando foi a vez mais recente?

4. Já ouviu falar sobre um programa de Intervenção e Prevenção do Assalto e Violência Sexual na sua universidade?

- Sim Não

5. Por favor, diga-nos onde e como ouviu falar de um programa de Intervenção e Prevenção do Assalto Sexual na sua universidade.

6. Antes de frequentar a sua faculdade atual, ouviu uma palestra para participar num treino sobre prevenção da violência no namoro ou violência sexual? Isto pode ter acontecido numa universidade que frequentou anteriormente, outra faculdade da sua universidade, ou quando estava no secundário ou ensino básico.

- Sim Não

**7. Aprendeu algo sobre a violência no namoro ou violência sexual por outros meios?
Escolha todas as opções que se aplicam.**

- Tive uma disciplina que discutia a violência no namoro ou violência sexual
- Eu trabalhei com algum programa de Prevenção e Intervenção do Assalto e Violência Sexual na minha universidade.
- Fui membro de uma organização de estudantes que se focava na prevenção da violência
- Trabalhei com uma organização comunitária que se focava na violência no namoro ou violência sexual
- Outra, por favor especifique _____

8. Já ouviu a palestra ou apresentação *Green Dot*?

- Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, mais de duas vezes Não
- Escolho não responder

9. Quando ouviu a palestra ou apresentação *Green Dot*? Se ouviu mais do que uma vez, qual foi a vez mais recente?

10. Alguma vez recebeu um treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança?

- Sim Não Escolho não responder

11. Quando recebeu o treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança? _____

12. Qual era o formato do treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança que você recebeu?

- Online Numa aula de faculdade Num grupo fora da aula
- Outro (por favor, especifique) _____

13. A quantos amigos ou conhecidos contou que tinha recebido o treino para educar e empoderar os estudantes para desenvolver segurança?

- Nenhum 1 2 3 a 5 6 ou mais

Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes:

1. Um amigo ou conhecido falou consigo sobre a importância de reduzir a violência sexual ou violência no namoro?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6-9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Você e os seus amigos falaram sobre atividades ou coisas que poderiam fazer para ajudar a prevenir a violência sexual e violência no namoro na sua universidade ou comunidade?

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6-9 vezes 10 ou mais vezes
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

3. Você e os seus amigos utilizaram o *Facebook* ou *Twitter*, um *blog*, mandaram e-mails uns aos outros ou utilizaram outra tecnologia para discutir atividades ou coisas que poderiam fazer para prevenir a violência sexual ou violência no namoro?

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. Você falou com os seus amigos sobre o que poderia fazer para se manter a si e aos outros a salvo da violência sexual ou no namoro?

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

A seguir está uma lista do que as pessoas podem fazer para ajudar em situações de violência no namoro e violência sexual ou quando alguém bebe álcool. Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes VOCÊ fez o seguinte:

1. Expressou preocupação por um(a) amigo(a) cujo(a) parceiro(a) tinha agido de forma muito ciumenta e tentava controlá-lo(-la).

Esta situação nunca aconteceu

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Interviria se ouvisse uma pessoa dizer que alguém merecia ser violado(a) ou ser agredido(a) pelo(a) seu/sua parceiro(a)

Esta situação nunca aconteceu

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

3. Falei com um(a) amigo(a) que tinha sido violado(a) ou agredido(a) pelo(a) seu/sua parceiro(a).

Esta situação nunca aconteceu

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. Já perguntou a alguém que parecia muito triste se estava bem ou precisava de ajuda.

Esta situação nunca aconteceu

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

5. Perguntou a um(a) amigo(a) se precisava que o/a acompanha-se a casa ou o/a levasse de carro para o/a manter seguro(a).

Esta situação nunca aconteceu

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

6. Disse algo à alguém que se estava a gabar ou arranjar desculpas por ter forçado alguém a ter sexo com ele(a).

Esta situação nunca aconteceu

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

7. Arranjou ajuda para um(a) amigo(a) porque ele(a) tinha sido forçado(a) a ter sexo ou tinha sido agredido(a) pelo(a) seu/sua parceiro(a).

- Esta situação nunca aconteceu
 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

8. Discutiu os possíveis perigos de beber demais com os seus amigos.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

9. Disse a alguém que estava preocupado(a) com o quanto essa pessoa bebe.

- Esta situação nunca aconteceu
 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

10. Disse a alguém que ficar bêbado o põe em maior risco de ser vítima de violência.

- 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

11. Expressou preocupação quando alguém estava a falar do quão bêbado tinha ficado.

- Esta situação nunca aconteceu
 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

12. Certificou-se de que alguém que tinha bebido demais chegava a casa de forma segura.

- Esta situação nunca aconteceu
 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

13. Eu fiz algo para ajudar uma pessoa a quem tinham posto droga na sua bebida sem o seu conhecimento.

- Esta situação nunca aconteceu
 0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

14. O que fez quando soube que alguém tinha colocado droga na bebida de uma pessoa sem o seu conhecimento? _____

Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes VOCÊ OBSERVOU ALGUÉM NO CAMPUS DA SUA UNIVERSIDADE fazer algo do que se segue:

1. Eu observei alguém no meu campus universitário a expressar preocupação por uma(um) amiga(o) cuja(o) parceira(o) estava a agir de forma muito ciumenta e a tentar controlá-la(o).

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

2. Eu observei alguém no meu campus universitário a chamar a atenção uma pessoa que disse que alguém devia ser violado ou agredido pelo(a) seu/sua parceiro(a).

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

3. Eu observei alguém no meu campus universitário a falar com uma(o) amiga(o) que tinha sido violada(o) ou agredida(o) pelo(a) s/sua parceiro(a).

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

4. Eu observei alguém no meu campus universitário a perguntar a alguém que parecia muito triste se estava bem ou se precisava de ajuda.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

5. Eu observei alguém do campus da minha universidade a perguntar a um(a) amigo(a) se precisava de o(a) acompanhá-lo a casa ou o(a) levasse de carro para o(a) manter em segurança.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

6. Eu observei alguém no campus da minha universidade a chamar à razão uma pessoa que se estava a gabar ou arranjar desculpas por ter forçado alguém a ter sexo com ele(a).

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

7. Eu observei alguém no campus da minha universidade a procurar ajuda para um amigo(a) porque ele/ela tinha sido forçado a ter sexo ou tinha sido magoado(a) pelo seu parceiro(a).

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

8. Eu observei alguém no campus da minha universidade a discutir os possíveis perigos de beber demasiado com os seus amigos.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

9. Eu observei alguém no campus da minha universidade a dizer a alguém que estava preocupada com o quanto essa pessoa bebe.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes

Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

10. Eu observei alguém no campus da minha universidade a dizer a alguém que ficar bêbedo os coloca em risco de ser vítima de violência.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

11. Eu observei alguém no campus da minha universidade a expressar preocupação por alguém estar a falar do quão “bêbado” esteve.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

12. Eu observei alguém no campus da minha universidade a ter a certeza de que alguém que tinha bebido demais chegava a casa de forma segura.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

13. Eu observei alguém no campus da minha universidade a ajudar uma pessoa a quem tinham posto drogas na bebida sem ela saber.

0 vezes 1 vez 2 vezes 3-5 vezes 6- 9 vezes 10 ou mais vezes
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

U. Esta secção refere-se à sua opinião sobre a violência sexual e a violência no namoro. Pense sobre os seus próprios sentimentos e crenças, por favor indique o quanto você pessoas concorda ou discorda com cada uma destas afirmações. Não há respostas certas ou erradas.

1. Eu tenho as competências necessárias para ajudar a prevenir a violência no namoro e a violência sexual no meu campus.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

2. Eu acredito que os meus pares irão ouvir-me se eu falar contra a violência no namoro e a violência sexual.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

3. Eu acredito que a violência no namoro e a violência sexual no meu campus pode ser prevenida/evitada.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

4. Eu sinto que os meus esforços pessoais podem fazer a diferença na redução da violência no namoro e da violência sexual.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

5. Eu fui pessoalmente afetado(a) pela violência no namoro ou violência sexual, porque aconteceu comigo ou com alguém que eu conheço.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

6. As acusações de violação são usadas frequentemente como uma forma de se vingar dos homens.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

7. Normalmente, apenas as mulheres que se vestem de forma provocadora é que são violadas.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

8. As mulheres tendem a exagerar no quanto a violação as afecta.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

9. Muitas mulheres provocam os homens e depois dizem que houve violação.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

10. Mulheres que “excitam” os homens merecem qualquer coisa que possa acontecer.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

11. Quando as mulheres são violadas, muitas vezes é porque a forma como disseram “não” não foi clara.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

12. Uma mulher que se veste em roupas minúsculas não deveria ficar surpresa se um homem tentar forçá-la a ter sexo.

Discordo totalmente Discordo Concordo Concordo totalmente

V. Abaixo está um número de afirmações sobre atitudes e traços pessoais. Leia cada item e decida se a afirmação é verdadeira ou falsa no que se refere a si pessoalmente.

	Verdadeiro	Falso
- Às vezes é difícil continuar com o meu trabalho se não estiver encorajado(a)		
- Às vezes sinto-me ressentido quando as coisas não são feitas como eu quero.		
- Em ocasiões escassas, já desisti de fazer algo porque pensei que tinha poucas habilidades.		
- Já houve tempos em que senti vontade de me revoltar contra as pessoas de autoridade mesmo que soubesse que eles estavam certos.		
- Não interessa com quem esteja a falar, sou sempre um bom/boa ouvinte.		
- Já houve ocasiões em que me aproveitei de outras pessoas.		
- Estou sempre disposto(a) a admitir que cometi um erro.		

- Às vezes tento vingar-me em vez de perdoar e esquecer.		
- Sou sempre cortês, mesmo com pessoas que sejam desagradáveis.		
- Eu nunca fiquei irritado(a) quando alguém expressou ideias muito diferentes das minhas.		
- Já houve alturas em que fiquei com inveja da boa fortuna/sorte dos outros.		
- Por vezes fico irritado/a quando os outros me pedem favores.		
- Eu nunca disse algo deliberadamente para magoar os sentimentos de outra pessoa		

1. As mulheres deviam ser tomadas em consideração tão seriamente quanto os homens como candidatas para a presidência de Portugal.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

2. Apesar de as mulheres poderem ser boas líderes, os homens são líderes melhores.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

3. Uma mulher devia ter as mesmas oportunidades de trabalho do que um homem.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

4. Os homens deviam respeitar as mulheres mais do que o fazem agora.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

5. Muitas mulheres trabalhadoras estão a tirar os trabalhos a homens que precisam mais desse trabalho.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

6. Os médicos precisam de levar os problemas de saúde das mulheres mais a sério.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

7. As mulheres têm sido tratadas de forma injusta com base no seu gênero ao longo da maioria da história humana.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

8. As mulheres já têm oportunidades iguais às dos homens em todos os sectores importantes das suas vidas.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

9. As mulheres em Portugal são tratadas como uma segunda classe de cidadãos.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

10. As mulheres podem ultrapassar melhor a discriminação fazendo o melhor que conseguem nos seus trabalhos, e não perdendo tempo com atividade política.

- Discordo totalmente Discordo Discordo parcialmente
 Concordo parcialmente Concordo Concordo totalmente

X. Por favor diga o quão de acordo está com as seguintes afirmações:

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
- Muitas vezes ajo no calor do momento sem parar para pensar.				
- Eu não dedico muito pensamento e esforço a pensar no futuro.				
- Muitas vezes faço o que me traz prazer aqui e agora, mesmo que isso me custe algum objectivo futuro.				
- Eu estou mais preocupado com o que me acontece a curto prazo do que a longo prazo.				
- Frequentemente, eu evito projetos que sei que serão difíceis.				
- Quando as coisas ficam complicadas, eu tendo a desistir ou retirar-me.				
- As coisas na vida que são mais fáceis de fazer, trazem-me o maior prazer.				
- Eu não gosto de tarefas muito difíceis que forcem as minhas capacidades até ao limite.				

- Eu gosto de me testar de vez em quando fazendo alguma coisa um pouco arriscada.				
- Às vezes corro riscos só por diversão.				
- Às vezes acho emocionante fazer coisas que me possam colocar em problemas.				
- Entusiasmo e aventura são mais importantes para mim do que segurança.				
- Se eu pudesse escolher, eu escolheria quase sempre fazer algo físico em vez de algo mental.				
- Quase sempre me sinto melhor quando estou a mexer do que quando estou sentado(a) e a pensar.				
- Eu gosto mais de sair e fazer coisas do que gosto de ler ou contemplar ideias.				
- Eu pareço ter mais energia e uma maior necessidade de atividade do que a maioria das pessoas da minha idade.				
- Eu tento cuidar de mim mesmo(a) primeiro, mesmo que isso torne as coisas complicadas para os outros.				
- Eu não sou muito compreensivo com os outros quando eles estão a ter problemas.				
- Se o que eu faço magoa os outros, é problema deles não meu.				
- Eu vou tentar obter aquilo que quero mesmo que eu saiba que isso está a causar problemas aos outros.				
- Eu perco a minha paciência muito facilmente.				
- Muitas vezes, quando estou zangado(a) com as pessoas sinto mais				

vontade de os magoar do que falar com eles sobre o porquê de estar zangado(a).				
- Quando estou mesmo zangado(a), é melhor que os outros se mantenham afastados de mim.				
- Quando estou seriamente em desacordo com alguém, normalmente é-me difícil falar calmamente sobre isso sem ficar transtornado(a).				

As questões seguintes referem-se a formas de como te possas ter sentido sobre coisas.

1. Já se sentiu tão triste ou sem esperança quase todos os dias durante 2 semanas ou mais seguidas, que parou algumas atividades que fazia normalmente?

- Não
- Sim, desde o início do ano letivo anterior
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior

As questões seguintes são sobre o consumo de álcool (inclui cerveja, vinho, wine coolers, como a sangria, e licores como o rum, vodka, whiskey). Beber álcool não inclui poucos goles de vinho por questões religiosas.

1. Durante o último mês, quantos dias bebeu mais de 5 bebidas com álcool de uma só vez (em poucas horas)?

- Eu nunca bebo
- 0 dias
- 1-2 dias
- 3-9 dias
- 10-19 dias
- 20-31 dias
- Escolho não responder

2. Durante o último mês, onde tem bebido álcool tipicamente?

- Em minha casa
- Em casa de alguém
- No dormitório
- Em restaurantes/bares perto do campus universitário
- Outro, por favor especifique _____

3. Durante o último mês, quando bebeu álcool, quantas pessoas estavam consigo mais ou menos?

- Estava sozinha(o)
- 1
- 2-5
- 6-20
- 21-50
- 51-100
- 101 ou mais

4. Em média, conhecia aproximadamente quantas pessoas que estavam lá?

- Ninguém
- Poucas delas
- Mais ou menos metade
- A maioria delas

Todas

Durante o último mês, você:

1. Foi incapaz de se lembrar de coisas que aconteceram enquanto estava a beber álcool? (coisas de que normalmente se lembraria)

Não, nunca Sim, no último mês Não no último mês, mas no último ano

2. Enquanto estava a beber fez coisas que normalmente não faria ou que agora se arrepende de ter feito?

Não, nunca Sim, no último mês Não no último mês, mas no último ano

As seguintes questões são acerca do uso de drogas, com isto queremos dizer tanto drogas ilegais como prescritas.

1. No último mês, usou outras drogas para além das usadas por questões médicas?

Não, nunca Sim, no último mês Não no último mês, mas no último ano

As questões seguintes são sobre si, onde vive, e como passa o seu tempo ...

1. É um estudante a tempo inteiro ou tempo parcial?

Tempo inteiro Tempo parcial
 Outro, por favor especifique _____

2. Está em alguma equipa de desporto/de atletismo na sua universidade?

Sim Não

3. Onde está a viver neste momento?

Na residência da sua universidade
 Fora dos estabelecimentos da universidade - casa, apartamento

4. Com quem está a viver?

Vivo sozinha(o)
 Com os meus pais ou familiares adultos
 Com um colega(s) de quarto (não um parceiro romântico)
 Com o meu marido/mulher, namorado(a) ou outro parceiro romântico

5. Qual a sua religião principal?

Não tenho
 Por favor diga-nos qual a sua religião _____

6. Quão regularmente participa em serviços da igreja/religiosos?

Nunca Algumas vezes no ano, tal como nas férias
 Uma vez por mês ou menos 2-3 vezes por mês 1-2 vezes por semana
 Diariamente

7. Fora as participações nos serviços da igreja/religiosos, quão regularmente participa em atividades religiosas (ex.: encontros, grupos de estudo) ?

- Nunca Algumas vezes no ano, tal como nas férias
 Uma vez por mês ou menos 2-3 vezes por mês 1-2 vezes por semana
 Diariamente

8. Quão regularmente reza/ora?

- Nunca Menos de uma vez por semana Uma vez por semana
 Várias vezes durante a semana Uma vez por dia
 Várias vezes durante o dia

9. Quanta orientação lhe dá a religião na sua vida do dia-a-dia?

- Nenhuma Um pouco Alguma Muita

10. Ao longo da sua infância, quão regularmente participava em serviços da igreja/religiosos?

- Nunca Algumas vezes no ano, tal como nas férias
 Uma vez por mês ou menos 2-3 vezes por mês 1-2 vezes por semana
 Diariamente

11. Ao longo da sua infância, fora as participações nos serviços da igreja/religiosos, quão regularmente participa em atividades religiosas (ex.: encontros, grupos de estudo) ?

- Nunca Algumas vezes no ano, tal como nas férias
 Uma vez por mês ou menos 2-3 vezes por mês 1-2 vezes por semana
 Diariamente

12. Ao longo da sua infância, quão regularmente rezava/orava?

- Nunca Menos de uma vez por semana Uma vez por semana
 Várias vezes durante a semana Uma vez por dia
 Várias vezes durante o dia

13. Ao longo da sua infância, que orientação a religião lhe deu para a sua vida durante o dia-a-dia?

- Nenhuma Um pouco Alguma Muita

O questionário chegou ao fim! Obrigada pela sua participação!